



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

SIMONE BARCELLOS CORRÊA

**COMO AS CRIANÇAS PERCEBEM SEU LUGAR?**

2015

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**SIMONE BARCELLOS CORRÊA**

### **COMO AS CRIANÇAS PERCEBEM SEU LUGAR?**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial e insubstituível do título de Licenciatura em Pedagogia.

#### **Banca Examinadora**

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup>. Cristina Maria Costa vv (orientadora)

Universidade de Brasília

---

Prof<sup>ª</sup> Renísia C. Garcia Filice (examinadora)

Universidade de Brasília

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Antonia Samir Ribeiro (examinadora)

Universidade de Brasília

*Dedico aos meus avós que já se  
foram, mas permanecem comigo,  
dando forças para seguir.*

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, o meu maior e primeiro amor, minha fortaleza e que mesmo diante da minha pequenez, se preocupa em me manter de pé e feliz, e me acompanha em todos os momentos, não permitindo que eu desista dos planos d' Ele para minha vida. Agradeço por estar cumprindo esse plano.

Às todas as mulheres da minha vida. Primeiro à Nossa Senhora, minha Mãe e Rainha do Céu, que desde o ventre já intercedia pela minha vida e pelos planos de Deus para mim. À Dona Maria Lidia Oliveira Corrêa, minha amada avó que partiu para um lugar muito melhor a cinco anos atrás, e que me inspira todos os dias a ser pelo menos um pouco do que ela foi. Puro amor. À minha mãe amada, Marilena, que é meu exemplo de educadora, de mulher sábia e de profissionalismo e fez despertar em mim o carinho pela Educação, pela Pedagogia. Que a cada dia eu me pareça mais com você! Às minhas irmãs, Path, por ser minha ídola no que diz respeito a música, por me deixar orgulhosa devido ao seu tão completo dom, à Léia e à Lidia, que de maneiras diferentes me impulsionaram até aqui com seus pequenos e grandes gestos de amor e cumplicidade.

Aos homens do meu coração. Primeiro ao Capitão Humberto, meu avô, grande homem, que me ensinou a me valorizar desde pequenina. Ao meu pai maravilhoso, que consegue me ensinar algo em todos os nossos escassos momentos juntos, e não precisa de muito para isso, me ensina só pelo modo de viver. Ao meu tio, exemplo de coerência, competência e de busca pelos próprios objetivos. Ao meu irmão amado, que com o seu enorme coração, enche os meus olhos de alegria e coragem para enfrentar o que aparecer.

À todos os profissionais da Faculdade de Educação, os profissionais dos setores administrativos, especialmente a Cristina da Secretaria, os servidores, o Hidelbrando e a todos os professores da Pedagogia, em especial Prof<sup>a</sup> Maria Fernanda Cavaton, Prof<sup>a</sup> Fátima Vidal, Prof<sup>a</sup> Patricia Pederiva, Prof<sup>a</sup> Vera Freitas, e Prof<sup>a</sup> Maria Alexandra Militão, Prof<sup>a</sup> Renisia Garcia ao Prof<sup>o</sup> José Luiz Villar. Agradeço a todos estes por aulas deslumbrantes e momentos inesquecíveis e de fundamental importância à minha formação como Pedagoga, e como pessoa, ser em desenvolvimento.

Agradeço à melhor Diretora que conheci no decorrer da minha caminhada, por ter aberto a porta da Escola Classe 405 Norte, na qual trabalhei em diversos projetos com todos os alunos da escola, durante três anos;

A Professora Cristiane por colaborar com a execução dessa pesquisa e me receber na sua turma durante este semestre.

Ao Projeto Livros Abertos – Aqui todos contam – que me possibilitou maior vivência na escola, possibilitando o contato com diferentes alunos através da Leitura dialógica.

Ao LAMCE – Por toda a simplicidade, cumplicidade que emana de todos os participantes do laboratório e que me proporcionou inúmeros momentos de auto conhecimento, e conhecimento, respeito e harmonia com o outro.

Agradeço à toda a comunidade da Paróquia do Verbo Divino, da qual faço a parte a mais de onze anos e tanto aprendi, na função de catequista, ministra de música, coordenadora de diversos grupos e movimentos jovens, e sempre fui acolhida e bem quista.

À tantos colegas que dividiram trabalhos, cansaço, alegrias, descobertas e tantos outros sentimentos e momentos no decorrer desses quatro anos de Graduação. Menciono especialmente os que mais se aproximaram de mim: Raquel Marques, Janaína Sousa, Paulo Inácio, Wesley Santos, Lídice Souza, Daniela Rezende e Jessica Videres.

À Boobambu Academia da Criança, por todo o conhecimento, as oportunidades e diversos momentos especiais. Gratidão do primeiro dia até o dia em que eu estiver consciente. Direciono meus agradecimentos à equipe gestora da empresa: Stela Lobato, Silvia Lobato e Alana Tzelikis.

À uma pessoa que me ensinou mais do que eu posso mensurar. Em diferentes contextos, de diferentes maneiras e sempre com absoluta competência, agradeço por ter me ensinado a acreditar em mim, a reconhecer meus limites e a trabalhar em grupo. Gratidão ,Lorena Galvão.

Ao grupo docente do Colégio JK do qual faço parte desde Março/2015, à Diretora Graça, à Coordenadora Andrea, à Coordenadora Luciana, e aos meus alunos que têm me ensinado muito sobre o funcionamento da escola, sobre cooperação, e sobre Pedagogia e Educação.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Cristina Maria Costa Leite, minha orientadora, por todo o carinho com que me acolheu quando ainda não decidido o tema desta pesquisa, por não me deixar desanimar e por me ensinar muito a cada encontro de orientação e nas aulas da matéria Educação em Geografia.

À música, por ser o complemento das palavras que eu não consigo dizer, por ter me acompanhado em tantas matérias ao longo desses semestres, por me ajudar a me expressar de maneira sincera. Por estar comigo desde sempre e fazer meus dias melhores.

“O professor só pode ensinar quando  
está disposto a aprender.”

*Janoí Mamedes*

## **RESUMO**

O presente trabalho apresenta a situação de uma escola pública de Brasília – Distrito Federal, na qual estudam crianças de cidades localizadas em cidades além de Brasília, considerando-se a organização espacial/política do DF. Em pesquisa realizada no 2º semestre de 2014, em Escola Classe de Brasília, referente a percepção que as crianças tem do seu lugar, sua cidade; constatou-se através da análise dos resultados de desenhos elaborados pelas crianças e grupos focais dos quais as mesmas participaram, que elas não identificam as suas próprias cidades. Quando uma criança que mora em outra cidade, que não Brasília, e não a reconhece como seu lugar, algumas questões se apresentam: ela não conhece o lugar onde mora, ou não acredita que esse local seja bom o suficiente para ser apresentado ao mundo, como algo que lhe tenha relação direta. O objetivo geral desta investigação é analisar como as crianças percebem seu lugar, a sua cidade, no âmbito do Distrito Federal.

**Palavras-chave:** Lugar, Cidade, Pertencimento, Cidadania.



## **ABSTRACT**

This paper presents the status of a public school in Brasília – Distrito Federal, where children study of cities located in cities besides Brasília, considering the spatial organization / DF policy. In a survey conducted in 2014, 2nd Semester in School Class of Brasilia, concerning the perception that children have of their place, their city; it was found by analyzing the results of drawings produced by children and focus groups of which the same part, they do not identify their own cities. When a child who lives in another city, out of Brasilia, and does not recognize as its place, some issues are presented: she does not know where you live, or do not believe that this place is good enough to be introduced to the world as something that you have direct relationship. The general objective of this research is to analyze how children perceive their place in your city, in the Distrito Federal.

**Keywords:** Place, City, Belonging, Citizenship.

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho surgiu a partir do resultado das discussões que ocorreram nas aulas, e em especial na matéria Educação em Geografia, obrigatória do curso de Pedagogia, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Maria Costa Leite, na Universidade de Brasília. Nessa, fui apresentada ao conceito de Lugar, e a outros conceitos que fundamentam esta pesquisa, como por exemplo, representação, espaço, ambiente, entre outros.

A pergunta que dá suporte a toda a pesquisa, está direta e indiretamente relacionada à realidade histórico-crítica e à realidade social que está sublimada no contexto das crianças que vivem nas cidades do Distrito Federal.. Na perspectiva de desvelar conceitos engessados, que limitam a Geografia à definições lineares sobre o espaço, a pesquisa parte do princípio de que é possível e necessário apresentar aos alunos, outras possibilidades de ver o mundo, acessíveis à compreensão referente à relação entre eles – as crianças - e o mundo real, o mundo do qual eles fazem parte, e, dentro das suas peculiaridades, torná-los mais do que espectadores, e sim, protagonistas do meio onde vivem.

Problematizar essa realidade me leva a refletir sobre a origem de toda essa descaracterização da cidadania. Comecei este trabalho com um diálogo ocorrido no 1º semestre de 2014, durante uma aula de Musicalização ministrada por mim, para um grupo de crianças com idades que variam entre 7 e 10 anos, participantes do Projeto Educar Dançando, projeto gratuito que acontece no IFB – unidade Asa Norte, destinado a alunas da Cidade Estrutural, que almejam ser bailarinas. Até então, me limitei a compartilhar somente uma parte do diálogo.

A nossa conversa surgiu em uma tarde de aula normal, quando ao se deparar com a janela da sala aberta, uma aluna exclamou: - Nossa! Aqui na asa sul é tão bonito! No mesmo instante todas as outras alunas correram em direção ao encontro da amiga e passaram a observar a rua, e logo em seguida surgiram diversos comentários entre elas. Me inseri na conversa e com uma risada ao fundo eu disse: - Estamos na Asa Norte meninas! A conversa continuou de maneira espontânea e de repente alguém me perguntou seu eu morava aqui na Asa Norte e eu respondi que sim, que moro aqui praticamente a vida toda, e perguntei: - E vocês? Moram na Estrutural desde que nasceram? A maior parte das meninas respondeu que sim, e então contei para elas que eu nunca fui na Estrutural, e por isso não conheço e não sei

dizer se é bonita mas, provavelmente, deve ser um lugar legal. Quando eu terminei de tecer elogios a Estrutural, começou então esse diálogo:

- Não conheço a Estrutural, vocês podem me contar como é lá?
- Lá é assim: as rua tudo esburacada, e tem muito barulho, e muita gente bêba. **(criança 1)**
- É mesmo! Lá na minha rua só tem bêbo! Eu acordo de manhã com os bêbo gritando. **(criança 2)**
- Lá é ruim demais! Não é que nem aqui, eu não gosto de lá! **(criança 1)**
- Mas, o que tem de bom na Estrutural?
- Nada! Lá é feio e só tem bêbado! **(criança 1)**
- Mas, você mora lá, isso não é bom?
- É... é! Tem a minha casa lá, minha mãe, isso é bom, e tem a escola, e tem as minina, e nós dança na rua. **(criança 1)**
- Viu?
- Mas, também, tem só isso só, não gosto de lá! **(criança 1)**

Ao final dessa conversa, só conseguia pensar em como deve ser ruim morar em um lugar e não ter nada de bom para falar sobre. E essa angústia ficou martelando na minha cabeça. Nesse projeto, como mencionei anteriormente, eu dava aulas de Musicalização para as crianças e haviam professoras de Balé, Jazz, Teatro e condicionamento físico. Após a aula em que ocorreu esse diálogo, na reunião dos professores do projeto, compartilhei com elas o ocorrido e fui embora para casa, ainda pensando nesse assunto. Depois de muito refletir, me veio uma ideia: ajudá-las a encontrar algo que elas gostassem na Estrutural ! Mas, como fazer isso? O que seria ?

No nosso encontro seguinte conversei com as professoras e começamos a aula pedindo para que elas nos mostrassem algo que elas gostavam muito de fazer. E assim aconteceu: a grande maioria das alunas do projeto se levantou e começou a dançar passos de funk. EUREKA! Havíamos descoberto um grande tesouro! E a partir daí, começamos a montar uma coreografia de dança que envolveu passos de Jazz, Balé e Funk. E também nas nossas aulas de musicalização me utilizei de batidas de funk nos exercícios, e em meio a estes, tivemos mais algumas conversas e junto com as meninas descobrimos que toda essa herança funkeira que as acompanha, vem de lá, da Estrutural, e que afinal de contas, é muito bacana ser da Estrutural.

Unindo essa experiência aos meus estudos acadêmicos, e também às minhas outras experiências como graduanda em Pedagogia, e como professora, essa pesquisa foi feita para que tenhamos uma concepção melhor no que diz respeito ao ponto de vista das crianças sobre o que está visível e ao mesmo tempo invisível. Quando escolhi uma Escola Classe da Asa

Norte para fazer a pesquisa, me deparei com uma questão: será que na turma que eu for trabalhar haverá crianças de Regiões Administrativas distintas? E para o enriquecimento deste trabalho, a turma do 4º ano é extremamente heterogênea no que diz respeito ao seu local de moradia: cinco crianças moram na Asa Norte, cinco crianças moram na Vila Planalto, duas crianças no Paranoá, duas no Itapoã e um aluno em São Sebastião. Assim, comecei a investigação participando de algumas aulas com eles. Algumas vezes, mediante solicitação da professora, copiei atividades no quadro, ministrei algumas aulas sobre temas relacionados a Brasília, como por exemplo um capítulo do livro didático deles que retrata “As religiões no Distrito Federal”, e foi lido junto com eles e também resolvemos as atividades propostas.

De maneira geral, a turma é tranquila, e a professora tem um bom relacionamento com eles, consegue ter absoluto controle da aula e da turma, e entre eles está estabelecida, uma harmonia. Para esta pesquisa, um dos primeiros procedimentos de construção de informações referiu-se à realização de desenhos. Assim, no dia do primeiro desenho, quando eu pedi para que eles desenhassem as suas cidades, esperava ver mais pontos turísticos como a Catedral, Memorial JK, Ponte JK, uma vez que imaginava que quase ou nenhuma referência haveria sobre seus próprios lugares... Mas surpreendentemente, os alunos se detiveram a desenhar o Congresso Nacional. Então comecei a refletir sobre o porquê desse ser o preferido. Não posso afirmar com certeza, mas, acredito que ele nem seja o preferido por afinidade, mas sim pela exposição que tem na mídia, cotidianamente retratando escândalos, manifestações, corrupção, entre outras. Por outro lado, o Congresso faz parte do trajeto de muitos participantes da pesquisa, assim como o HUB, localizado próximo a escola, a Catedral, os Ministérios, a Praça da Bandeira, e vários outros lugares que não apareceram nos desenhos.

Mais tarde, em outra ocasião com essas crianças, ao falarmos sobre a cidade, essa minha dúvida se tornou ainda mais complexa: as crianças começam a tentar definir o que é cidade e entre outras coisas. elas voltam ao Congresso e o citam como parte integrante do conceito de cidade, e então me questionei sobre a existência de cidades sem Congresso, e de Congresso sem cidade, logo pensei e concluí que existe a cidade sem o Congresso e que o Congresso não existe sem a cidade. Portanto, nesse momento eu já tinha ao menos uma certeza, de que todos moram em cidades, cidades do Distrito Federal, e assim sendo, é correto afirmar que a diferença e a semelhança predominante é a cidade, já que todos nós, moradores do Distrito Federal, moramos em cidades.

A partir dessa constatação, a minha preocupação se volta para o que vem a ser essa “cidade”. Será que é só tudo o que eu consigo ver, tocar? Ou é qualquer espaço que tenha um nome próprio e moradores locais? Ainda nos resta a opção da Cidade ser qualquer coisa que eu ainda não mencionei como hipótese. Consolidando alguns conceitos de cidade, posso dizer que a cidade é expressão do urbano, necessariamente habitada e caminha com as suas próprias pernas e, pelo menos alguns aspectos políticos e sociais; a cidade tem história própria, e dentro do seu contexto social termina por desenvolver características singulares nos seus moradores.

Enfim, essas vivências originaram reflexões, que se traduziram em aprofundamento por meio desta investigação.

## MEMORIAL

Eu sou Simone Barcellos Corrêa, tenho 26 anos, e tenho quatro irmãos: a mais nova, Lidia, tem 12 anos, Yesus tem 16, a Patrícia, tem 29 e a Aldaleia tem 31. Sou filha de Marilena Oliveira Corrêa e José Carlos Barcellos de Abreu, ambos formados pela Faculdade Dulcina de Moraes, ambos artistas e educadores. Moro com a minha mãe e os dois irmãos mais novos.

Minha família por parte de pai é de Porto Alegre, e a maior parte deles ainda mora lá, por parte de mãe, minha avó era de Alagoas e meu avô, do Rio de Janeiro, onde se conheceram, e casaram. Bombeiro, meu avô foi transferido pra Brasília no começo da cidade, e vieram pra cá quando a minha mãe ainda era um bebê, receberam um apartamento na SQS 408 e moraram lá durante muitos anos.

Diferente dos meus avós, a primeira moradia da minha mãe foi no Valparaíso, onde morei com ela, meu pai e a irmã de 29 anos. Nessa época as coisas na família eram difíceis e a comida era escassa, segundo depoimentos da minha mãe. Nossa casa foi assaltada, e nos mudamos para um apartamento na 402 norte, pois meu pai estava concursado pelo Ministério da Fazenda e as coisas melhoraram. Cresci nessa quadra, até meus pais se separarem; a partir daí começamos uma série de mudanças: fomos morar no Núcleo Bandeirante, depois voltamos para a Asa Norte e moramos em diferentes quadras, e atualmente estamos na SQN 403.

Durante toda a minha vida escolar, houveram algumas mudanças. Primeiramente, até a 6ª série eu estudava no Colégio Madre Carmen Salles, depois fui para a Escola Pública: Primeiro E.C 104 norte, na qual fui muito feliz e ativa: ajudei a montar um Grêmio Estudantil, fui aluna representante do Conselho Escolar e representante da turma e tinha uma relação muito boa com os professores, dos quais me lembro com muita alegria e funcionários da escola, na época referência em qualidade de ensino em Brasília. No Ensino Médio estudei no CEAN, onde atuava no Oceano Verde (uma espécie de Grêmio), e tive a felicidade de conhecer três professores incríveis: Marcelo de Filosofia, Adriana de Química e o meu professor de Física, do qual não me recordo o nome, mas que me fazia gostar e entender verdadeiramente a Física. Todos os meus anos da educação básica foram incrivelmente

animados e repletos de histórias engraçadas, professores maravilhosos, alguns assustadores e colegas que viraram amigos e que tenho até hoje na minha vida.

Sempre acompanhei a minha mãe no que pude. Ela, funcionária da SEE/DF, readaptada de sala de aula, atuando como diretora de escola durante os últimos 12 anos, nesta fase, eu já estava mais madura, e capaz de entender muitas coisas sobre funcionamento de escola, alunos, professores e infelizmente, também sobre o real funcionamento do sistema.

No decorrer desses anos, pude compreender muitas coisas que somente com a visão de aluna não haviam sido inteiramente esclarecidas e perceber essa realidade despertou em mim, vontade de também estar nesse movimento da Escola, mas, não em sala de aula. Havia um sentimento de fazer algumas coisas muito diferentes da forma que acontecia nas escolas, então, estava na 7ª série quando decidi: quero ter uma escola, uma escola boa!

Desde o nascimento da minha irmã mais nova, meus dias livres eram com ela em casa, ou com ela aonde eu estivesse, e assim, dei os meus primeiros passos como educadora e como pedagoga sem nem saber. Em uma tarde, estava na escola onde a minha mãe era diretora e estavam todos cheios de afazeres porque estava chegando perto da Festa das Mães e as turmas estavam ensaiando, mas havia um problema: uma professora de licença, e a turma dela sem ensaiar. Minha mãe me chamou e disse: "Filha, você pode bolar alguma coreografia e ensaiar essa turminha por favor?". Prontamente respondi que sim, e a partir daí a minha vida começou a tomar os rumos da arte unida a Pedagogia. Fiz diversos trabalhos desse tipo mas escolas onde a minha mãe era diretora, nas escolas onde meus irmãos estudavam e nas escolas onde fui convidada; Sou quadrilheira de uma quadrilha profissional, danço samba de gafieira e sou apaixonada pela dança em geral, por isso, em alguns anos cheguei a montar coreografias de danças em cinco escolas ao mesmo tempo.

Paralelamente, já estabelecia a minha atual profissão: Professora de Musicalização Infantil. Comecei a tocar violão aos 13 anos e aperfeiçoei tocando em retiros na minha paróquia, e em diversos encontros da Igreja Católica, da qual sou participante ativa a 12 anos. Tendo alguns poucos conhecimentos musicais, e a partir destes, entrei em um projeto da UnB chamado "Música para Crianças", sob chefia do Professor Ricardo Dourado Freire (Departamento de Música), esposo da Profª Sandra Ferraz (Pedagogia) e passei um ano e meio aprendendo a unir Pedagogia e Música em cursos internos, reuniões e no dia a dia nas aulinhas para bebês e/ou para crianças maiores. A minha experiência no projeto e a Pedagogia

me abriram inúmeras portas, e uma delas foi fundamental na minha vida e faz parte dela até hoje: Boobambu.

A Boobambu é uma academia de crianças, com metodologia própria, e aulas diversas: Circo, Psicomotricidade, Balé, Leitura, Artes e Música e que além disso, oferece colônia de férias no meio e começo do ano. E foi assim que entrei, em 2011, participei de uma entrevista, participei do maravilhoso treinamento para a Colônia de férias e fui convidada a ser estagiária. Fiquei pouco tempo no estágio, pois adoeci. No mês seguinte, Stela e Sílvia (irmãs e donas da Boobambu), a quem sou imensamente grata, me convidaram para dar aula de música para bebês no berçário do STJ, e eu prontamente aceitei. Comecei a dar aulas para bebês, e algum tempo depois o professor de música da Boobambu saiu, então assumi todos os horários de música da academia, onde trabalho até hoje e mensalmente temos reunião de desenvolvimento, onde discutimos temas diversos e aprendemos muito.

No início desse ano, 2015, fui convidada a assumir as aulas de musicalização das duas unidades do Colégio JK da asa norte, e estou aprendendo e trabalhando bastante com os alunos e com os outros professores da escola, além da coordenação e direção..

Na minha graduação, passei por diferentes fases: Quando entrei, achava a UnB caótica, tinha um olhar muito negativo sobre como seria e o que as pessoas eram, então, no meu primeiro semestre fiz a matéria "Oficina Vivencial" com o Professor José Armando e me abri à Pedagogia, os segundo e terceiro semestres foram de empolgação, estava no C.A, conheci a Professora Fátima Vidal, a Professora Sandra Ferraz, a Professora Maria Fernanda Cavaton e estava encantada com o curso. No quarto semestre, não queria estar lá, matérias diferentes, professores diferentes e eu abandonei tudo, exceto uma matéria e o sistema da UnB me colocou em Condição (risco de ser jubilada). Nos semestres seguintes (5º e 6º) me empenhei em sair da Condição, e consegui.

Dentre as matérias obrigatórias da Pedagogia, sempre me preocupei muito com os Projetos. Lembro me bem do Projeto 2, que fiz com o Professor Renato Hilário, e foi marcante pois foi o primeiro momento aonde tive real interação com os demais colegas, e onde tivemos a oportunidade de fazer algo que ficasse marcado para cada colega da turma, tínhamos que fazer um presente. Fiz um cd e dei um para cada aluno da turma, recebi vários presentes e tenho vários até hoje. No semestre seguinte fiz projeto com a Prof. Fátima Vidal, sobre Autonomia e Práticas Pedagógicas Inovadoras, com quem já havia cursado “O educando com necessidades educacionais especiais”. Nesse projeto discutimos temas



importantes, e fizemos diversas leituras marcantes, mas, estudando, descobri que não concordo plenamente com as Práticas Inovadoras, logo, troquei de projeto. A minha tentativa seguinte foi com as Professoras Catarina e Danielle Xabregas, participando do projeto coordenado por elas, sobre Políticas Públicas, no qual eu tinha interesse de prosseguir e trabalhar Políticas de Gestão e Inclusão, porém, ao longo do semestre, percebi que ainda não era aquilo de fato. Levando em conta a minha relação com a Música, decidi entrar no projeto da Prof. Patrícia Pederiva, no qual participei de um grupo de estudos semanal e atuei como Prof<sup>a</sup> de musicalização em um projeto para crianças da Cidade Estrutural, que acontece no IFB. Foi um processo muito enriquecedor, entretanto, cheguei no oitavo semestre buscando algo que ainda não tivesse feito, como estava em dúvida, conversei com a Prof<sup>o</sup> Maria Fernanda Cavaton e ela me indicou a Prof. Maria Cristina Costa Leite, com quem havia cursado a disciplina Educação em Geografia, e que me recebeu muito bem, e me orientou nesse trabalho de conclusão de curso.

Nos dois últimos semestres, as coisas foram um pouco mais difíceis, descobrimos que meu avô estava com câncer, e ele veio morar conosco para que pudéssemos cuidar dele durante o tratamento, levar ao hospital e auxiliar para que ele tivesse tudo o que fosse necessário para se curar. No final do ano passado, a situação se agravou e ele passou muito tempo internado, e durante este período passei inúmeras noites no hospital para cuidar dele e ajudar a família. Após esse período, ele já estava em casa e no final de Fevereiro fomos surpreendidos por um mal estar, e foi internado na UTI, após doze dias internado, no dia 1º de Março, depois de meses de luta, ele faleceu e a nossa família sofreu um enorme abalo, cinco anos após a morte da minha vó, também por um câncer, tivemos que desmontar o antigo apartamento dele, e separar as coisas que lembravam toda a história da família. Foi um semestre de saudades, lembranças, e de muita proximidade com a minha mãe, com a minha família, e acredito ter sido o que me deu forças, além de Deus é claro, para terminar o curso e seguir adiante.

Além de todo o conteúdo curricular resultante dos nove semestres da Pedagogia, aprendi muito sobre a vida, sobre cooperação, sobre transformação, sobre a capacidade que o ser humano tem de se superar. Com esses pilares comecei a escrever uma música no 2º semestre para o trabalho final de uma matéria, e concluí neste semestre, no trabalho final de “Tópicos Especiais em Psicologia da Educação” com a Professora Juliana Lopes, e compartilho a letra:

## ARCO IRIS

Através dessa canção  
Posso e venho aqui contar  
Uma parte da minha vida  
Do meu mundo.  
É a história da menina  
Que atravessou o arco íris  
E encontro do outro lado  
Um tesouro.

E pra ela o arco Iris  
Foi apenas o caminho  
Colorido e diferente  
De cada cor tem um pouquinho  
O tesouro é bem simples  
É perceber que o colorido  
Vem a partir da diferença  
E deixa tudo mais bonito

São laços que se constrói  
Que nem o tempo destrói  
São vidas que se cruzam  
Para construir  
São trocas importantes  
De humores inconstantes  
Que fazem aprender e ensinar  
Olhar e perceber.

Através dessa canção  
Que diz tanto sobre mim,  
Vou contar como cheguei aqui.  
Me lembrei da doce voz  
Que um dia eu ouvi  
E dizia faça sempre seu melhor  
Esteja aqui, esteja ali

O que a gente constrói  
Nem mesmo o tempo destrói  
São vidas que se cruzam  
Para permitir  
As trocas importantes  
Os humores inconstantes  
Que fazem aprender e ensinar  
Olhar e perceber

Perceber que tem um mundo todo  
Onde pessoas necessitam mais de mim  
E o poder está na atitude  
Se eu acredito e quero ,eu posso sim!

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Acessos à escola.....	14
Figura 2 - A9 Desenhe a sua cidade .....	36
Figura 3 - Desenhe o lugar onde você vive .....	39
Figura 4 - A2,A6,A8,A9,A10 - Desenhe o lugar onde você estuda .....	43
Figura 5 - A13 - Desenhe onde você vive .....	44
Figura 6 - A1 - Desenhe a sua cidade .....	45

## LISTA DE QUADROS

Quadro n.1 - Local de moradia 1 .....	16
Quadro n.2 – O que as crianças mostram de suas cidades .....	24
Quadro n.3 – O local onde as crianças vivem .....	25
Quadro n.4 – Retrato do desenho .....	27
Quadro n.5 – O lugar onde você estuda .....	28
Quadro n.6 – Vinculos das crianças com a cidade: Como elas se reconhecem .....	30
Quadro n.7 – Qual é o meu lugar .....	32
Quadro n.8 – Caracterização das respostas .....	33

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	4
3 METODOLOGIA.....	13
2.1 Método.....	13
2.1.1 Contexto de construção das informações empíricas .....	14
2.1.2 Procedimentos de construção das informações empíricas .....	16
2.1.3 Procedimentos de análise das informações empíricas.....	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	24
3.1 Desenhos .....	24
3.1.1 Desenhe a sua cidade.....	24
3.1.2 Desenhe onde você vive.....	25
3.1.3 Desenhe o lugar onde você estuda .....	28
3.2 Grupo Focal .....	29
3.2.1 Grupo Focal nº1 .....	29
3.2.2 Grupo Focal nº2 .....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	47

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, as crianças são levadas a acreditar que existe um padrão de qualidade sobre a sua origem, sobre o lugar de onde vem, onde moram, onde estabelecem seus vínculos. Por vezes, criam um retrato negativo de sua realidade, baseada em estereótipos sociais que surgem e se estabelecem em virtude da imposição de determinados padrões sociais, muitos dos quais inadequados em relação ao local, o que acarreta um sentimento de inferiorização perante um determinado grupo. No contexto onde se qualifica uma pessoa pelo lugar em que vive, defender sua origem, valorizar sua procedência, passa a ser algo não natural, principalmente quando se considera que existem juízos que definem o que é melhor ou pior, sem relação com a realidade vivida de cada um, situação denominada determinismo ontológico. (QUINIO.Ynio 1996 p.44)

Considerando-se que o Distrito Federal apresenta uma configuração política/espacial ímpar, com cidades em Regiões Administrativas constituídas em decorrência de Brasília e no entorno dessa (exceto Planaltina e Brazlândia), percebe-se que o processo de segregação se evidencia neste território, na medida em que Brasília é o centro e ao seu redor se instala a periferia (LEITE, 2012). Tal situação, que revela significativa desigualdade, se expressa por vários índices entre os quais se destacam aqueles referentes à qualidade de vida e renda per capita, por exemplo.

Nesse contexto, a Educação apresenta papel crucial no que diz respeito à compreensão da realidade, e aos modos de nela se situar. Pode ser entendida a partir do lugar, do sentimento de pertencimento a esse, por dispor de elementos que expressam a bagagem cultural do indivíduo na sociedade. A partir dessa premissa, o presente trabalho busca entender como as crianças percebem seu lugar, na dimensão de uma das funções da Educação: a formação da cidadania.

A percepção do lugar para as crianças tem relação com todo e qualquer ambiente que faça parte da sua rotina, de seu cotidiano. Desse modo, nesta pesquisa, o lugar será considerado um conceito fundamental: por constituir-se via de mediação pedagógica, elemento concreto e presente na vida da criança, e por isso passível de significação; por ser categoria de análise do espaço geográfico e, por conseguinte, elemento de compreensão da cidade e estruturador da noção de cidadania (LEITE, 2012). Nesse caso, as crianças são

consideradas protagonistas do processo de construção do conhecimento, na medida em que é conferida importância a sua vivência. Essa, por sua vez, possibilita a identificação de sua cultura, pois expressa as referências materiais e simbólicas de sua comunidade, região, país, podendo até propiciar uma leitura do próprio mundo, a partir da realidade local.

Assim, ao se pensar o mundo atual, globalizado, com difusão de modelos de comportamento e amplo acesso à informação, entre outras características, a opção pelo tema de investigação é importante, para que se possa compreender determinadas condutas infantis, como aquelas que apontam falta de confiança em si mesmo, na sociedade e, conseqüentemente, no futuro, além de conformismo e posturas negativas, em relação ao determinismo ontológico que se estabelece, como decorrência daquele processo de segregação espacial, que marcou sobremaneira o nascimento das cidades no DF.

Durante a construção do Plano Piloto de Brasília, de Lúcio Costa, constatou-se que não poderia abrigar as levas de imigrantes, sobretudo daqueles que passaram a trabalhar nos canteiros de obras. Por isso, antes mesmo de concluírem o núcleo central da Capital, os construtores abriram novos espaços urbanos, iniciando com Taguatinga, em 1958. Com isso, a cidade de hoje, polinucleada, é bem diversa da que foi esmeradamente projetada, não mais podendo ser apontada como o modelo brasileiro de “planejamento urbano”. O fracasso do planejamento urbano se materializa nas dezenas de núcleos esparsos no território, denotando apartação e exclusão sócio-espacial. (PAVIANI 2003, p. 64)

Ao se pesquisar a percepção da criança é importante observar, que não existe certo ou errado. Existem fatores e circunstâncias que contribuem para que a criança tenha determinado ponto de vista. Assim, quando uma criança que mora em outra cidade, que não Brasília, e não a reconhece como seu lugar, algumas questões se apresentam: ela não conhece o lugar onde mora, suficientemente, ou não acredita que esse local seja bom o suficiente para ser apresentado ao mundo, como algo que lhe tenha relação direta.

Por outro lado, tais questionamentos, associados ao processo de escolarização, evidenciam que essas temáticas constituem-se conteúdos afetos ao campo disciplinar da Geografia e apresentem potencial de conhecimento sobre os lugares do DF, no sentido de construir com as crianças seu sentimento de territorialidade. Ao se estudar o DF, a partir de suas cidades, e não somente Brasília, como apontam determinados livros didáticos, vislumbra-se uma possibilidade de romper com aquele determinismo ontológico, preconceituoso e, assim, contribuir efetivamente para a construção da cidadania.

Nesse sentido, pensar nas práticas do professor, no ambiente escolar de modo geral, é relevante para que se possa identificar como algumas situações que ocorrem na escola, inclusive as rotineiras, deixam marcas nas crianças e podem, também, interferir no modo pelo qual se percebem no mundo, como importantes e autônomas, que dispõem da capacidade de decidir, reagir, em relação à realidade que as cercam. Assim, caberá ao educador a responsabilidade de considerar como as realidades vivenciadas pelas crianças são diferentes e, nesse sentido, como é importante conhecer sua história e o modo pelo qual traçam suas relações de pertencimento ao mundo.

Parte-se da suposição que as crianças identificam a RA1 -Brasília- como sendo o seu lugar, a despeito de não morarem nessa cidade.

A perspectiva metodológica desta investigação é de base qualitativa, a partir de análise documental – PCN de Geografia dos anos iniciais e desenhos das crianças - realização de grupo focal com as crianças autoras dos desenhos.

A partir desses elementos e considerando-se a relação de pertencimento que deveria existir entre o indivíduo e seu lugar de vivência, esta pesquisa espera proporcionar resultados, que sirvam para evidenciar a importância do reconhecimento do lugar da criança, no contexto da construção de conceitos, inclusive os científicos, na escola. Almeja-se obter resultados que possam atestar a importância da territorialidade, pois a relação da criança com o seu lugar permite ao indivíduo a descoberta de pequenas coisas que o singularizam e o qualificam positivamente. Em consequência, se estabelece a possibilidade para que as crianças se percebam como parte da sociedade onde vivem e que suas ações tenham implicações concretas ao coletivo.

Diante do exposto, o objetivo geral desta investigação é analisar como as crianças percebem seu lugar, a sua cidade, no âmbito do Distrito Federal. Nesse contexto, constituem-se objetivos específicos:

- Identificar e analisar como as crianças percebem a cidade onde estudam;
- Identificar e analisar como as crianças percebem a cidade onde moram;
- Identificar e analisar como se as crianças indicam o seu lugar;
- Identificar e analisar as razões que levam a criança a estabelecer vínculos com o lugar.
- Identificar as relações entre o lugar e os conteúdos de Geografia e História na escola



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os fundamentos teóricos desta investigação pautaram-se em Vigotsky (1988) e Callai (2010), que consideram o processo de desenvolvimento da criança e suas percepções de mundo. Além disso, as questões referentes aos conceitos de espaço, ambiente, paisagem e lugar, na perspectiva de Cavalcanti (2008), Leite (2012) , Sarmiento e Pinto(1997), Vasconcellos (2006) Vogel (1995), Tuan (1983) e a relação que esses estabelecem com a construção do conhecimento geográfico, elemento primordial para a abordagem do tema cidade e lugar, constituíram-se fundamentos teóricos à análise das questões postas por esta pesquisa.

Com o objetivo de coletar os dados, a proposta da pesquisa é trabalhar com Desenhos e Grupo Focal. Segundo Piaget (1948), a capacidade de criação e inovação supõem construções efetivas e não simples representações fieis da realidade. A partir disso, e da categorização das crianças em idades e fase de desenvolvimento, feita por Piaget, podemos comparar os resultados, às características que segundo ele, devem existir nos desenhos de crianças que estão na fase de Operações Concretas (07-11 anos):

A partir dos sete anos de idade as operações mentais da criança ocorrem em resposta a objetos e situações reais e com isso ela compreende termos de relações como: maior, menor, direita, esquerda, mais alto, mais largo, etc. Apesar de apresentar dificuldade com os problemas verbais, ela ainda traça a chamada “linha de base” como aos seis anos apesar de representar a figura humana com alguns desvios como: exageros, negligências e omissão ou mudança de símbolos. Nessa fase a criança descobre as relações de cor, cor-objeto e progressivamente começa a desenvolver a capacidade de se colocar no ponto de vista do outro. Ao final do estágio das Operações Concretas, o desenho infantil apresenta a fase do Realismo onde a criança utiliza bastante as formas geométricas em seus desenhos com maior rigidez e formalismo e acentuam-se os usos das representações de roupas para distinguir os sexos.PIAGET (Apud PORTUGAL 2013 p.7)

A respeito do Grupo Focal, e das representações, Marková (2003) define: os grupos focais como comunicações socialmente situadas onde os participantes negociam significações, criam novas significações e produzem diversidade e divergência de opiniões, assim como seu consenso. Apropriando-se desses conceitos, propõem-se utilizar desses instrumentos de pesquisa para alcançar os objetivos propostos.

Considerando-se que são ilusórias e utópicas as ideias de maravilhas da cidade grande e que a vida pode ser melhor para os moradores do meio urbano, lança-se mão das proposições de Vogel (1995) sobre a cidade que buscam, não ser a cidade que imaginam. E sim, o meio urbano transformado radicalmente pela sua própria presença maciça. Ou seja, mais do que um lugar fantástico, que faz as pessoas migrarem e buscarem alcançar, a cidade é um lugar feito por pessoas, na tentativa de progredir, mudar de vida e que, por fim, se perde dentro da expectativa por eles geradas, e com a qual não sabem lidar por diversos fatores, dentre os quais se destacam a maneira como o indivíduo se percebe dentro da comunidade e a sua relação com o ambiente. Importante ressaltar que esses fatores são aqueles que fundamentam a noção de pertinência com o lugar:

O modo de vida, compreendido como a relação com um ambiente total, é o fundamento da noção de pertinência a um lugar. E a base do compromisso mais direto que pode existir entre o morador e o lugar. O que os moradores têm em comum são determinadas coisas, que constituem o ambiente urbano do bairro, e determinados valores.(VOGEL, 1995, p. 107)

Para Tuan, a relação com o ambiente é um dos pilares para estabelecer a pertinência com o lugar. Nesse sentido considera-se:

Meio ambiente ou ambiente todas as condições sob as quais qualquer pessoa ou coisa vive ou se desenvolve; a soma total de influência que modificam ou determinam o desenvolvimento da vida ou do caráter. Tuan(1965, apud HOLZER 1997cp.80)

Infere-se que mais do que algo material, físico, o ambiente é também acrescido de experiências psicológicas, cerceadas por diferentes relações. Tuan sugere que as relações e interações são determinantes para a constituição do indivíduo. A esse respeito, torna-se necessário evidenciar a relevância do processo de desenvolvimento do ser humano, dentro de uma estrutura histórico cultural, em que a interação do sujeito com o meio, entre indivíduos e consigo mesmo, confirma a interatividade do sujeito em um processo denominado mediação.

Nesse contexto, Callai (2005) propõe um rompimento da prática tradicional, que desvaloriza o sujeito, para adotar outra postura que possibilite o reconhecimento do saber do outro e de sua dinamicidade, como alternativas de compreensão do mundo, que produz conhecimentos que podem ser nomeados como legítimos. Nesse processo, o professor tem papel fundamental, pois deve ter domínio de alguns fundamentos conceituais, para relacionar

os seus saberes, os saberes dos alunos e o que acontece no mundo que os cerca, para que em meio ao processo de apropriação da alfabetização dos alunos, não se estabeleça a fragmentação das disciplinas, mas, que possibilite estabelecer linhas de pensamento que sejam interdisciplinares, dentro do processo de leitura e escrita e unam todos os componentes curriculares. Ainda sobre a importância de se apropriar dos conhecimentos dos alunos em prol da construção do conhecimento:

Os conhecimentos e as experiências prévias dos alunos são relevantes na medida em que eles podem relacioná-las aos temas que serão objeto de estudo. Dessa forma, caberá ao colega professor conhecer, levar em conta e relativizar os conhecimentos dos quais os alunos são portadores, ampliando assim, o diálogo entre eles e os novos conhecimentos, as novas habilidades e as novas competências. (BERUTTI E MARQUES, 2001, p.29)

A partir dos estudos que qualificam demasiadamente importantes, o professor se vincular a conhecimentos prévios a fim de construir novos conhecimentos, e considerando-se a ação de Ler, no contexto do processo de alfabetização e letramento, inerentes a educação básica, a presente pesquisa ressalta a necessidade de fazer isso de maneira diferente. Nesse sentido, evidencia-se outra perspectiva de leitura, que é trabalhada no âmbito da Geografia Escolar:

Ensinar a ler em geografia significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido, utilizando a cartografia como linguagem para que haja o letramento geográfico. Ensinar a ler o mundo, é um processo que se inicia quando a criança reconhece os lugares e os símbolos dos mapas, conseguindo identificar as paisagens e os fenômenos, atribuindo sentido ao que está escrito. (CASTELLAR, 2010, p.23)

A possibilidade de ler e compreender a linguagem geográfica, onde também se insere a cartografia, propicia a distinção entre o que é fruto da imaginação e a realidade; permite uma compreensão sobre como que é a organização do espaço geográfico onde estão as crianças e que esse é marcado por fatores psicológicos, culturais e pessoais (CASTELLAR 2010). Desse modo, infere-se que mais do que uma técnica de leitura, ler e escrever sobre o seu lugar é algo relativo à compreensão das relações existentes entre os fenômenos analisados. Logo, ao se tratar sobre o local de vivência da criança, se trata, também, sobre o que está externo a esse local, mas, sem desconectar a inter-relação entre ambos. Essa, por sua vez, precisa ser mantida para que os conteúdos da Geografia façam sentido diante das características do mundo contemporâneo, tais como a complexidade e a desigualdade, que exemplificam um contexto onde a compreensão da espacialidade constitui-se importante elemento para a vida cotidiana, conforme está proposto no PCN de Geografia:

A escola deve criar oportunidades para que os alunos construam conhecimentos sobre essa linguagem nos dois sentidos: como pessoas que representam e codificam o espaço e como leitores das informações expressas por ela. (PCN História/Geografia p.79)

Diante do exposto, e corroborando-se com as proposições de Cavalcanti (2008) pode-se afirmar que o processo de ensino/aprendizagem é dinâmico, na medida em que professor e alunos atuam juntos, construindo conhecimentos coletivamente. Para isso os alunos devem ser participativos e os professores devem priorizar os conhecimentos prévios de seus estudantes, que serão demandados para impulsionar o processo de ensino/aprendizagem. Nessa perspectiva, o professor ao mediar as relações do aluno com o(s) objeto(s) de conhecimento, quaisquer que sejam, pode utilizar-se dos conteúdos formais da geografia escolar, que representam e se constituem importantes elos de ligação entre alunos e a própria realidade. Levar os alunos a perceberem seu cotidiano vivido, a identificarem as transformações ao longo do tempo, bem como as diferenças existentes entre o local de trabalho de seus familiares, seu local de moradia, de lazer e a relação que esses diferentes locais mantém com o indivíduo e a sociedade onde se insere, permite uma articulação entre a escala local e a global. Nesse sentido, e de acordo com Cavalcanti (2008) o global refere-se a todo o conjunto de processos, relações e estrutura de um dado espaço, que tem uma relação específica diferente em cada lugar. Por isso, é necessário perceber o local, relacioná-lo com o todo e estudar a relação dialética que subexiste entre eles. É a partir desta relação que se forma o raciocínio espacial complexo, o que evidencia a importância desse tipo de abordagem no processo de letramento, em geral, e na Geografia, em particular

A percepção e compreensão do local onde se vive, como condição e meio para compreensão da sociedade em que se insere o indivíduo, atesta a importância do estudo do lugar, na medida em que ele se constitui condição imprescindível para o entendimento da realidade. Nesse sentido, estudar e compreender o lugar em Geografia, significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além das suas condições naturais e humanas. (CALLAI, 2000).

Para a compreensão do Lugar, é primordial diferenciar os conceitos Espaço e Lugar, que transmitidos aos alunos na Educação Básica, por meio de livros didáticos e, também, por professores, como sinônimos. A esse respeito, é interessante destacar a posição de Tuan:

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. Espaço é mais abstrato que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. [...] Se pensamos no espaço como algo que permite o movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar (TUAN, 1983, p. 6)

Assim, devemos pensar o Lugar, como algo que integra o espaço e que, na verdade, não se desvincula desse. Compreendido como categoria de análise do espaço geográfico (LEITE, 2012) é importante considerar:

A existência do lugar é resultado de um investimento que só se fez possível porque esse espaço não foi apenas um espaço de passagem, mas um espaço onde se fez pausa. Não a pausa da imobilidade, mas aquela necessária para a efetivação de uma ocupação material e simbólica. Esse salto que eleva, qualitativamente, o espaço à condição de lugar é uma construção. O espaço se planeja, o lugar se constrói. Nessa construção o espaço é o suporte. Donde se conclui que todo lugar é um espaço, mas o espaço é apenas potencialmente um lugar. (VASCONCELLOS, 2006)

Diante dessas considerações, é possível afirmar que o Lugar é um espaço que, de alguma forma, faz sentido, em virtude de suas diversas formas de utilização e significação cultural: memórias, atitudes pessoais, grupais, valores, entre outros, que permitam a apropriação dos espaços e sua transformação em lugares. O espaço é, então, algo relativo na sua definição, pois depende de como a pessoa se relaciona com o mesmo. Logo, o espaço não pode ser o mesmo para as pessoas, pois, são estas que o definem, a partir da sua permanência, da sua relação com o local, dos sentimentos que este espaço desperta, e o fazem deixar de ser algo material, para transcender aos limites materialmente impostos e transformar-se em lugar.

Nesse contexto, o conceito de paisagem é, por vezes, confundido com o lugar ou o espaço, mas detém o seu próprio significado e importância na Geografia. Para Cavalcanti (2008) a paisagem está ligada a algo que pode ser visivelmente descrito, ou seja, a expressão que se pode ver acerca de um espaço, de tudo que a nossa visão alcança e que é permitido ser vivido com o nosso corpo através dos cinco sentidos.

Desse modo, as paisagens são para a sociedade, a parte técnica, estética, e, palpavelmente acessível a todos. Justamente por conter a história e expressar mudanças e fases de determinada sociedade, a paisagem carrega diversas marcas sociais de fatos que passaram e que modificaram, de alguma maneira, a forma da paisagem. Callai (2000) se

refere à paisagem como algo que revela a realidade do espaço, em um determinado momento do processo; ou seja, nesse caso, a paisagem é o produto do processo de construção do espaço, por fazer parte de todos os movimentos histórico sociais, de todos os esforços para alcançar a satisfação de uma população e também, de todos os movimentos da natureza. Podendo ser considerada a fotografia do espaço, a paisagem precisa ser vista com cuidado, para que se possa enxergar o que ela expressa, para além da própria imagem, como resultado das relações homem/sociedade e natureza.

Os conceitos de lugar e paisagem são considerados nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia para o Ensino Fundamental I, como importantes à formação do indivíduo:

A categoria paisagem, por sua vez, está relacionada à categoria de lugar. Pertencer a um território e sua paisagem significa fazer deles o seu lugar de vida e estabelecer uma identidade com eles. Nesse contexto, a categoria lugar traduz os espaços com os quais as pessoas têm vínculos mais afetivos e subjetivos que racionais e objetivos: uma praça, onde se brinca desde menino, a janela de onde se vê a rua, o alto de uma colina, de onde se avista a cidade. O lugar é onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico.(PCN Geografia p.76)

Desse modo, pensar o lugar, o espaço e a paisagem, remete ao visual e, de acordo com o PCN de Geografia, em decorrência do que se vê, existe uma dificuldade em retratar o que é real, sem considerar os estereótipos estabelecidos pela mídia. Nesse sentido, é possível perceber que essa, em geral, corrobora e difunde determinados padrões, um modelo de mundo, de cidade, de moradia e de vida, que é superior e universal. Em consequência, cabe à educação em geral e a Geografia, em particular, estabelecer uma leitura crítica do que nos é apresentado no dia a dia; fazer o elo entre as imagens cotidianas que aparecem em televisões, revistas e em vários outros meios de comunicação e a realidade vivida dos alunos, no sentido de diferenciá-la do geral e valorizá-la em suas singularidades, conforme atesta os PCN:

A Geografia estaria, então, identificada como a ciência que busca decodificar as imagens presentes no cotidiano, impressas e expressas nas paisagens e em suas representações, numa reflexão direta e imediata sobre o espaço geográfico e o lugar. Nessa abrangência, a Geografia contribui para que se compreenda como se estabelecem as relações locais com as universais, como o contexto mais próximo contém e está contido em um contexto mais amplo e quais as possibilidades e implicações que essas dimensões possuem. .(PCN Geografia p.76)

Diante do exposto, o presente trabalho procura identificar e compreender as relações que se estabelecem no diálogo local-global das crianças, numa escola de Brasília, num

território ímpar, de difícil compreensão, por ser diverso das demais localidades do país: é um distrito, só que federal; é composto por 31 Regiões Administrativas<sup>1</sup>, dentre as quais Brasília/RA1, sede da capital da <sup>1</sup>república. Essa excepcionalidade, quando comparada às demais unidades federativas brasileiras, gera entendimentos dúbios. Nesse sentido, constata-se, no DF, uma confusão em relação ao seu local de moradia. Algumas pessoas afirmam que são de Brasília, quando, na realidade, moram em outra cidade do DF. A esse respeito Lassance comenta:

Ninguém é dono da verdade, mas pode-se considerar um verdadeiro absurdo confundir Brasília com o Distrito Federal (ou vice-versa), quando o artigo primeiro é tão claro e estabelece *a mais absoluta separação* entre eles quando estatui: “ a organização administrativa do **DISTRITO FEDERAL**, a partir da mudança da capital para **BRASÍLIA**”(…)(LASSANCE 2002, p. 49)

Essa confusão pode gerar um sentimento de não pertencimento das pessoas em relação ao local onde vivem e isso pode ser reforçado pela escola, quando as crianças aprendem informações erradas sobre sua cidade e seu lugar. Considerando-se que Brasília é mais uma Região Administrativa, mais uma cidade do DF, pode se afirmar que todos moram no Distrito Federal, em uma das suas trinta e uma cidades, mas nem todos moram em Brasília.

Ao se pensar sobre o Distrito Federal e sua particular configuração espacial, com suas cidades no entorno de Brasília, cabe lembrar que existe uma grande parte da população trabalhadora, de baixa renda, que é empregada longe de seu local de moradia e por isso, todos os dias, antes do nascer do sol, sai de suas casas em direção a estabelecimentos comerciais e/ou casas de família, localizadas em Brasília, evidenciando o movimento pendular desse centro em relação as demais cidades do DF e, ainda, uma relação de dependência dessa, o que pode resultar em confusão sobre a identificação de seu próprio lugar.

Considerando-se que nas escolas públicas de Brasília, notadamente as dos anos iniciais – Escolas Classe-, de um modo geral, existe um significativo número de alunos que são filhos de trabalhadores da região, e que esses tendem a não reconhecer sua cidade de origem, sobrevalorizando Brasília, é necessário que as aulas de Geografia sejam usadas para equacionar tal entendimento. Nesse sentido, propõe-se estudar o lugar onde se vive, onde se

---

<sup>1</sup> Criadas em 1964 pela Lei Federal nº 4.545 e ratificadas pelo Art. 10 da Lei Orgânica do DF em 1993, as Regiões Administrativas são áreas territoriais do DF. Seus limites físicos estabelecidos pelo Poder Público, definem a Jurisdição da ação governamental regionalizada, para fins de descentralização administrativa e coordenação dos serviços públicos de natureza local.

estuda e onde se mora, a fim de proporcionar ao aluno elementos que lhe permitam diferenciar sua cidade dos demais locais vivenciados, que se apresentam no dia a dia, como por exemplo a escola em Brasília. Considera-se demasiadamente importante estabelecer o elo entre os conteúdos de Geografia e das outras áreas do conhecimento, para que a escola possa atuar no processo de desenvolvimento das crianças e contribuir para a construção da noção de cidadania: unindo todos os aspectos necessários à formação.

Assim, assume-se a interdisciplinaridade como necessária para melhorar o processo de aprendizagem e, em consequência, o modo pelo qual as crianças compreendam o mundo que as cerca. Relacionar a geografia e a educação pode parecer algo desnecessário, mas sua importância está justamente em desconstruir os estereótipos postos, as representações sociais equivocadas, a compreensão de que a realidade é fragmentada.. Desse modo, o trabalho em geografia, na escola, deve considerar o mundo pelo lugar do aluno, para que ele possa fazer a leitura do mesmo como sujeito histórico:

O sujeito histórico pode ser entendido, por sua vez, como sendo os agentes de ação social, que se tornam significativos para estudos históricos escolhidos com fins didáticos, sendo eles indivíduos, grupos ou classes sociais. Podem ser, assim, todos aqueles que, localizados em contextos históricos, exprimem suas especificidades e características, sendo líderes de lutas para transformações (ou permanências) mais amplas ou de situações mais cotidianas, que atuam em grupo ou isoladamente, e produzem para si ou para uma coletividade. Podem ser trabalhadores, patrões, escravos, reis, camponeses, políticos, prisioneiros, crianças, mulheres, religiosos, velhos, partidos políticos, etc. (PCN História/Geografia p.29)

Como está proposto no PCN de História/Geografia:

Desde as primeiras etapas da escolaridade, o ensino da Geografia pode e deve ter como objetivo mostrar ao aluno que cidadania é também o sentimento de pertencer a uma realidade na qual as relações entre a sociedade e a natureza formam um todo integrado — constantemente em transformação — do qual ele faz parte e, portanto, precisa conhecer e sentir-se como membro participante, afetivamente ligado, responsável e comprometido historicamente (PCN História/Geografia p.76)

Considerar a Educação como ciência essencial para formação do pensamento do indivíduo, mediadora de produção de significados e construção da realidade, que fornece habilidades, formas de pensar, de sentir e de falar que podem ser negociadas, sugere que a Educação faz parte do todo e precisa ser considerada sem distinções, porque o processo escolar é um exercício de negociação, que fornece possibilidade de atividade reflexiva individual e comunitária, é um meio de se adquirir conhecimentos e habilidades de forma colaborativa e numa autonomia socialmente referenciada (LEITE e BARBATO, 2011).



Assim, o processo de ensino aprendizagem é aberto, flexível, não se desvincula do todo, e deve considerar as experiências de cada indivíduo, é interativo e não depende somente do professor para que haja conhecimento, pois envolve outros sujeitos (alunos, funcionários, e mesmo os professores) A escola é, então, um ambiente de aprendizagem mútua, onde a mediação do educador se pauta por reconhecer e validar o conhecimento que o indivíduo possui (e que na realidade, é um tipo de saber), e, também, pela necessidade de conhecer e considerar o local onde está a escola, onde se dá a de vivência do indivíduo, para que dessa maneira o processo de ensino aprendizagem se torne mais interessante, significativo ao aluno e possibilite a construção do conhecimento, inclusive os científicos, segundo Lima e Fonseca (2006).

### **3 METODOLOGIA**

Esta pesquisa tem abordagem qualitativa, a partir de análise documental de desenhos produzidos pelas crianças e realização de grupo focal orientado à questão “Como as crianças percebem seu lugar”

Nesse contexto, para a execução da pesquisa empírica, faz – se necessário evidenciar o objeto previamente selecionado e justificar essa seleção, que estrutura a investigação, descrição, demonstração, prova, ou refutação de uma afirmação específica. O ambiente natural, onde acontecem os fenômenos estudados, o caráter descritivo desses, os significados que as pessoas dão as coisas e a sua vida, como característica indispensável pelo investigador, e a indução aplicada, caracterizam a pesquisa qualitativa, onde são interpretados e decodificados os diferentes significados. Assim, a essa perspectiva de investigação vincula signo e significado, conhecimento e o fenômeno em questão. Este tipo de investigação é permeada por processos de interpretação de acontecimentos diários relacionados pelo pesquisador , aos dados utilizados em sua pesquisa, permitindo que, no processo de construção do trabalho, aconteça um redirecionamento da investigação.

#### **2.1 Método**

Para melhor realização dessa pesquisa o método escolhido foi análise documental de desenhos criados pelos alunos em sala de aula e, também, a realização de Grupo Focal com as mesmas crianças. Os desenhos foram utilizados por se constituírem um meio facilitador à expressão das crianças, que podem deixar a sua criatividade, por vezes reprimida, fluir a partir daí, desenvolver alguma opinião em relação ao tema da pesquisa, a partir de suas próprias representações..

A utilização da técnica de grupo focal se deu em razão de uma oportunidade para as crianças conversarem sobre o tema proposto, de modo organizado e dirigido, sem serem podadas em suas falas e sem julgamento de valor. Nesse sentido, tal atividade possibilita a exploração de elementos inerentes às crianças, que podem nunca ter sido explicitados em decorrência da falta de oportunidade e/ou interesse dos adultos que os cercam. (esse não é seu objetivo de pesquisa. Olha o q definimos: “analisar como as crianças percebem seu lugar, a sua cidade, no âmbito do Distrito Federal”



familiares dos alunos, também deixam a desejar no quesito participação, a despeito de se esforçarem para se fazer presentes.

A escola possui 18 turmas, sendo estas divididas igualmente nos dois turnos. Durante todos os dias da semana, no turno contrário ao da sua classe regular, 100 alunos participam da Educação Integral, do total de 212 que estudam na escola. A atual Equipe Gestora está na Direção da escola desde Junho de 2014, e conta com os cargos de Diretor, Vice Diretor, Chefe de Secretaria, Secretária, Coordenador, Orientador, além de um professor readaptado para atuação em funções administrativas. O Projeto Político Pedagógico vigente foi escrito este ano, com participação dos professores da própria escola e da equipe gestora.

A turma participante da pesquisa, além da professora regente, conta com o auxílio de uma aluna da Pedagogia/UnB, participante do PIBID – Programa de Iniciação a Docência- , que atua ajudando os alunos que possuem dificuldades ao realizar as tarefas, tem 15 alunos, com idades que variam entre 9 e 10 anos, dos quais apenas 5 meninas. Um dos alunos tem 12 anos e está na turma em processo de aceleração, em decorrência da distorção idade série.

Há um caso de um aluno, que de acordo com relato da professora regente, apresenta uma postura de falta de respeito para com ela e a turma. Nesse sentido, a Direção da escola encaminhou o caso ao Conselho Tutelar, requerendo a manifestação da família. Até o momento, porém, nada foi feito em relação ao seu comportamento em sala de aula. Sua mãe alega que ele é perseguido pelos profissionais da escola.

Assim, a professora considera estes dois casos – o de menino de 12 anos e o indisciplinado - seus maiores desafios. Formada em Pedagogia, com pós graduação em Educação Empresarial, pela Universidade de Brasília, a professora, que esteve afastada por questões de saúde, retornou as suas atividades como regente da turma do 4º ano Vespertino, quando os eventos da Copa do Mundo 2014 terminaram e se deu sequência a todo o calendário letivo escolar 2014.

A professora esclareceu que, normalmente, propõe atividades diferenciadas para os seus alunos e que atualizou, algumas vezes, o blog da escola. Por esse motivo possui autorização dos pais para utilizar mídias, atividades e outras questões que tenham relação com seus filhos. (Autorização em anexo) .

Dentre os 15 alunos da turma, 05 moram na Asa Norte, 05 moram na Vila Planalto, 02 residem no Itapoã, 02 residem no Paranoá e 01 reside em São Sebastião. Totalizando 10

alunos moradores de Brasília e 05 moradores de outras cidades do DF. Conforme está descrito no Quadro abaixo:

Quadro n.1 - Local de moradia 1

ALUNO	Itapoã	Paranoá	Vila Planalto	Asa Norte	São Sebastião
A1	X				
A2				X	
A3				X	
A4			X		
A5			X		
A6	X				
A7		X			
A8				X	
A9			X		
A10		X			
A11				X	
A12				X	
A13			X		
A14			X		
A15					X
Total	02	02	05	05	01

### 2.1.2 Procedimentos de construção das informações empíricas

Para identificar como as crianças percebem seu lugar, sua cidade, foram efetuados desenhos e grupo focal, conforme especificação que se segue:

#### 2.1.2.1 Os desenhos

Para além dos conceitos tradicionais do que pertence ou não à Geografia, as discussões teórico metodológicas postas a esse campo disciplinar, a partir da década de 1970, , possibilitaram a inserção das representações espaciais como instrumento facilitador dentro do processo de ensino aprendizagem.

Considerando os estudos de Piaget, é pertinente pensar que o processo de assimilação e acomodação nas crianças, resulta em representações que podem ocorrer de maneiras variadas, mas entre as quais costuma predominar o desenho e a linguagem, sendo a primeira, por vezes permeada de subjetividade, nem sempre interpretáveis para conceituações comuns. Segundo Pontuschka ( et al. 2007) o desenho em Geografia, entre outras formas de representação gráfica, se diferencia dos demais, pela ênfase na figura, ou seja, por causa do foco na dimensão espacial e todas as suas peculiaridades, formas, tamanhos e demais especificidades, que carregam a pluralidade da linguagem figurativa. Os desenhos são para o professor, uma maneira simples de se aproximar da realidade do aluno. Normalmente expressam sentimentos, cenas cotidianas, e a realidade, que por vezes estão implícitas na rotina do aluno, mas o professor desconhece. Então, a partir do desenho, o professor pode se aproximar da realidade do aluno.

Os desenhos sugeridos para a realização desta pesquisa são três: desenho da cidade, de onde se vive e de onde estuda.

O primeiro sugere o desenho da sua cidade. Logo, pressupõe que, se existe alguma relação de pertencimento com a mesma, então os alunos irão desenhá-la, com todas as edificações e detalhes, que só eles percebem. O desenho foi feito no dia 30 de Setembro, na sala de aula, após o recreio, eles tiveram uma hora e meia para desenhar e pintar seus desenhos, a sala estava com as carteiras organizadas em filas, indaguei à professora se poderia mudar o formato da sala, e ela disse que era melhor não, devido ao fato dos alunos já se encontrarem naquela posição, e porque a referida mudança ocasionaria algum rebuliço nos alunos. Então, me apresentei para eles, e entreguei uma folha de papel para cada um, pedi para que guardassem todos os outros materiais e deixassem nas carteiras somente os estojos de lápis de cor; Eu expliquei que aquela turma faria parte do meu trabalho da faculdade, e que para começar a participação deles, eu precisava que fizessem um desenho sobre a sua cidade. Vários alunos tiveram dúvidas como: “Mas, é a minha cidade Brasil?”, “Posso desenhar mais de uma coisa?”, “Eu não sei como é a minha cidade”, “Tia, como é que faz aquele negócio grande q tem dois negócios do lado ? (Congresso). O comando desse primeiro desenho foi feito de maneira séria, sem brincadeiras, e com objetividade. Os alunos permaneceram concentrados durante a criação dos seus desenhos, e conversavam um pouco a respeito do trabalho, principalmente aqueles que moram na mesma cidade, a respeito de alguns pontos comuns. A professora queria ajudá-los a entender o que deveria ser desenhado, mas, ela já

havia sido sobre as possíveis dúvidas deles em relação ao que exatamente era esperado que estivesse nos desenhos, sendo assim, ela conseguiu se manter neutra ao responder os inúmeros questionamentos deles e se esmerou para ajudá-los sem interferir no processo de racionalização e exposição das ideias deles, aqui, expressadas por meio do desenho.

No segundo, a ideia é desenhar o local no qual a criança vive. A subjetividade desse enunciado sugere que o aluno perceba essa resposta, depois decida como vai representar esse lugar. Nesse sentido, pode ser um desenho de uma paisagem, ou pode ser o seu prédio, ou a sua casa, ou a sua cidade, ou fragmentos de todas as opções anteriores. O essencial é que o aluno tenha liberdade para decidir, e representar como quer o lugar onde vive. O segundo desenho foi feito dia 07 de Outubro após o recreio, e eles tiveram aproximadamente uma hora para desenhar a partir da proposta: desenhe o lugar onde você vive. Muitos alunos perguntaram para mim e para a professora o que exatamente deveriam desenhar, e um aluno chegou a dizer: -Eu vivo na escola!

É importante ressaltar que no dia que esse desenho foi feito, o sinal tocou um pouco antes, então todos saíram muito rápido, impossibilitando a conversa a respeito dos desenhos.

O terceiro desenho refere-se ao lugar onde estuda. Essa é uma proposta que, como as outras, confere diversas opções, como por exemplo, desenhar o trajeto casa – escola, ou desenhar a sala de aula, o pátio, a escola vista pelo lado de fora, ou pelo lado de dentro, ou seja, mais do que desenhar o espaço físico, este desenho é para que se possa identificar, pelo menos um pouco, a forma como as crianças enxergam a escola e o que essa significa para eles. No dia de elaboração deste terceiro desenho, estavam presentes somente doze alunos. Desse quantitativo, oito alunos desenharam a parte externa da escola. Entre esses oito, cinco desenharam o muro da escola. Nenhuma criança desenhou a parte interna da escola, nem tampouco a sala de aula. Interessante observar que eles não se desenharam como participantes da escola, do lugar onde estudam. De um modo geral, os desenhos apresentam características semelhantes.

Durante o processo de criação, os alunos trocaram lápis de cor entre si, ideias, informações, eles olhavam através das janelas da sala para se lembrar do que desenhariam; A grande maioria fez desenhos com traços bem firmes, próprios do uso de régua, definindo em sua maioria, a escola como um quadrado ou retângulo colorido, às vezes com portas e janelas, as vezes, somente com cores.

Estes desenhos foram criados por 15 alunos da turma do 4º ano, que moram em diferentes localidades no DF (ver quadro 1 acima). Essas crianças, que estudam Geografia uma vez por semana, estão atrasadas em relação ao conteúdo obrigatório, em virtude do afastamento, por questões de saúde, da professora. Nesse sentido, quando do seu retorno, foi constatado que alguns conteúdos não foram trabalhados.. Desse modo, a professora retomou os conteúdos que não foram dados e começou pelo estudo do Distrito Federal.

Nesse contexto, os desenhos tiveram a importância de contribuir com o estudo do DF. Nesse sentido, tiveram a finalidade de explicitar como os alunos percebem o que está a sua volta e como podem representar seu olhar.

Os desenhos foram feitos na sala de aula, a partir da seguinte rotina: entrega de uma folha de papel A4 em branco para cada aluno; solicitação para uso dos lápis de cor; especificação do comando do desenho e aguardo de seu término.

No processo de elaboração dos desenhos, os alunos fizeram perguntas diversas sobre o tema, que a pesquisadora não pode responder diretamente, para não indicar o que eles deveriam desenhar ou não. Posteriormente, os desenhos foram entregues à pesquisadora, que ao recebê-los, ouviu explicações sobre esses, por parte de cada criança.

#### **2.1.2.2 Grupo Focal**

A outra atividade para construção do dado empírico foi efetuada por meio de Grupo focal. Este expressa uma construção coletiva, pois é realizada a partir da discussão por um grupo, sobre um determinado tema, e/ou questões pontuais acerca do mesmo. Essas discussões, não são espontâneas, pois são geradas pelo pesquisador, no sentido de estimular a troca, no que diz respeito ao tema em questão.

Segundo Marková (2003), a característica marcante do grupo focal, é a liberdade que se tem no processo de significação, devido à variedade e divergência de opiniões, possibilitando através da comunicação, até mesmo, a resolução de situações problemas. Inicialmente apresentados a sociedade em meio a Segunda Guerra Mundial, este método de pesquisa era utilizado para comentar as emissões de rádio que eram interessantes ao estado, os efeitos da informação lançada ao público, durante a guerra e finalmente, que sentimento era gerado naquela época, se patriotismo, rejeição, etc. Anos depois, a utilização desse método



mudou para direcionamento do setor de Marketing, Publicidade e Propaganda, a fim de entender os pensamentos dos consumidores, suas opiniões sobre os produtos e a partir desses resultados elaborar e avaliar os produtos.

Nos grupos focais a comunicação é peça chave. Enquanto em outros métodos, a tendência é isolar, ou dissociar as pessoas, umas das outras para a aplicação, esse sugere relações sociais e amplia o leque de possibilidades do que podemos oferecer: representações sociais, senso comum, valores, culturas, ideologias, e tudo mais que está de alguma forma na sociedade. De acordo com Moscovici (1984, 2000) temos quatro pontos importantes que devem ser considerados, em relação a comunicação: a palavra nunca é neutra, porque sempre existe algo que suscita essa palavra; existe sempre algum traço, por menor que seja, relacionado a afetividade; as pessoas nomeiam as coisas baseadas nas suas vivências, crenças, e isso é mutável, porque com o decorrer do tempo, adquire novas significações; terceiro, nós, seres humanos, somos mais afetados quando nos deparamos com uma situação de revolução ou crise, porque as pessoas são motivadas a “pensar pela boca”; Por último, ele afirma que as pessoas que estão na base das representações sociais e que expressam e defendem a sua opinião publicamente, de forma a incentivar os outros, se utilizam da comunicação para menosprezar a ciência e a educação, já que defendem os achismos e o senso comum.

Marková (2003) também defende essa atividade quando afirma que : Como se constitui num método fundado sobre a comunicação, o grupo focal tem o potencial necessário, e é melhor que os outros métodos de pesquisa, por integrar esses quatro princípios metodológicos. Normalmente, os grupos focais abarcam a partir de 5 até 12 pessoas e essas exploram questões propostas pelo pesquisador, gerando discussões focalizadas, nas quais o moderador deve estar consciente de que as conversas podem tomar outros rumos, e que ele está lá para garantir que a temática seja retomada, encorajando sempre todos os membros a participar, se comunicando adequadamente e de forma imparcial.

Nessa pesquisa, foram realizadas duas intervenções em forma de grupo focal, com a turma toda. Não houve preocupação em buscar a homogeneidade dos participantes, no que diz respeito ao seu lugar de moradia. O material utilizado na ocasião consistiu de uma bola de plástico (utilizada em piscina de bolinhas) e um gravador de voz.

A primeira aplicação dessa técnica aconteceu no dia 17/10/2014 às 17h e durou aproximadamente 40min. A conversa se deu de maneira informal, com todos os alunos sentados em formato de círculo e bem tranquilos, deram risadas ao longo da conversa,

explicitaram as suas opiniões, e inclusive às vezes se atrapalhavam pela empolgação incontida de falar sobre o assunto em questão. No primeiro encontro do grupo, a turma toda participou ao mesmo tempo, a professora regente se ausentou da sala durante uma parte do encontro, mas de maneira geral, a conversa fluiu bem. A segunda sessão de grupo focal aconteceu no dia 28 de Outubro de 2014, e teve aproximadamente 45 minutos de duração. O ambiente da sala foi modificado enquanto os alunos estavam no recreio, quando eles voltaram, se depararam com todas as mesas e cadeiras colocadas em círculo. A linguagem utilizada pelo pesquisador, foi informal, e tentando se aproximar ao máximo, da linguagem utilizada cotidianamente pelos alunos. A fim de possibilitar uma melhor estrutura para o diálogo, nessa sessão o pesquisador utilizou uma bolinha de plástico, comum a piscina de bolinhas, com a função de “dar a fala” para uma criança de cada vez. O combinado com os alunos consiste em esperar a bolinha chegar na sua mão, para você poder falar o que quiser, sem pressa, sem limites, a partir do momento que a criança pega a bola.

A conversa começou com uma “revisão” feita pelo pesquisador, com a função de relembrar os temas já tratados através dos desenhos e do 1º grupo focal. E o tema desta sessão começou a ser discutido: Lugar. A primeira questão sugerida foi sobre o que seria Lugar, e os alunos vincularam lugar a espaço, e o diálogo se deteve na função de caracterizar e distinguir um do outro; esse processo passou primeiramente pela fase escuta, por parte do pesquisador, em uma segunda fase, se iniciou um processo de desvelamento, no qual muitas proposições foram sugeridas pelos alunos, com o propósito de conseguir compreender e a seguir tiveram um momento de organização das ideias feito por eles, paralelamente ao pesquisador. Após essa parte de ideias, desvelamento, reorganização das ideias; na sequência, alguns alunos começaram a ser capazes de perceber a diferença. Não obstante, o pesquisador solicitou que eles refletissem sobre espaços que para eles façam sentido, e tenham significado como lugares que lhes são próprios, devido a relação que existe entre o aluno e o espaço a que se refere, e se categoriza como um lugar.

Os alunos refletiram sobre espaço x lugar, e após um curto espaço de tempo, foram convidados a falar sobre espaços que se caracterizam lugares para cada um deles, podendo explicar o porquê, ou não. A partir dos seus anseios, inquietações e/ou sentimentos envolvidos em todo o processo de construção desse conhecimento. Em determinado momento do Grupo focal, a conversa tomou um caminho que gerou o questionamento acerca do que é espaço e do que é lugar. Essa pergunta resultou em um momento de questionamentos mais profundos, no qual muitos alunos se envolveram, o monitor que estava na turma participou, a professora

regente, e o pesquisador. A conversa tomou como base, vários exemplos, e a partir destes, os alunos concluíram que espaço e lugar são diferentes, por que o lugar é um espaço que faz sentido.

Quando os alunos fecharam essa discussão, o pesquisador estimulou os a pensar em espaços que façam sentido para eles, e após cinco minutos de silêncio (tempo determinado para a reflexão dos alunos sobre seus lugares), cada um deles pôde falar os seus lugares para a turma.

### **2.1.3 Procedimentos de análise das informações empíricas**

#### **2.1.3.1 Desenho**

A análise dos desenhos foi feita através de quatro quadros categorizando os desenhos em critérios diferentes, relacionados ao objetivo de cada desenhos:

- Quadro n.2 – O que as crianças mostram de sua cidade. (Referência ao desenho 1)  
Categorias de análise: Desenho de Ponto turístico, desenho do local de moradia, desenho do trajeto, desenho misto (duas ou mais categorias no mesmo desenho) e desenho aleatório
- Quadro n.3 – O lugar onde as crianças vivem. (Referência ao desenho 2)  
Categorias de análise: Desenho da residência, desenho do comércio, desenho de ponto turístico, desenho misto A (residência e comércio, desenho misto B (residência e ponto turístico).
- Quadro n.4 – Retrato do desenho (Referência ao desenho 2)  
Categorias de análise: Parte externa da residência, parte interna da residência, paisagem ao redor e auto retrato (desenho de si, dentro da casa)
- Quadro n.5 – Desenhe o lugar onde você estuda (Referência ao desenho 3)  
Categorias de análise: Parte externa da escola, parte interna da escola, situação escolar, ou desenho do muro da escola.

### 3.1.3.2 Grupo focal

A análise dos resultados do Grupo Focal foi feita categorizando os resultados em três quadros, com critérios de análise diferentes:

- Quadro nº 6: Vínculos das crianças com a cidade: como ela se reconhece (Referência ao Grupo Focal nº 1)  
Categorias de análise: “a criança se reconhece pela:” família, amigos, casa, lazer, paisagem ou não se reconhece;
- Quadro nº7 – Qual é o meu lugar? (Referência ao Grupo Focal nº2)  
Categorias de análise: Cada criança citou três lugares, escolhidos espontaneamente, de móveis, a cidades.
- Quadro nº8 – Caracterização das respostas (Referência aos resultados expostos no Quadro nº7)  
Categorias de análise: Local de moradia, Casa de parentes, Local de lazer, Escola, Móveis e Cômodos.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 3.1 Desenhos

#### 3.1.1 Desenhe a sua cidade

O quadro abaixo discrimina os espaços que as crianças desenharam a partir do comando: Desenhe a sua cidade. Algumas desenharam pontos de referência das Regiões Administrativas onde moram, outras desenharam pontos turísticos, sendo estes na sua maioria, o Congresso Nacional; outras desenharam várias localidades diferentes (desenhos misto), entre elas, partes de seu local de moradia e pontos turísticos, e entre elas, há uma criança fez um desenho diferente do tema proposto: esta desenhou a sua casa.

Quadro n.2 - O que as crianças mostram de sua cidade (Referência ao desenho 2)

ALUNO	Desenho de P. Turístico	Desenho de onde mora	Desenho de trajeto	Desenho misto	Desenho Aleatório
A1	X				
A2		X			
A3	X				
A4		X			
A5		X			
A6		X			
A7				X	
A8				X	
A9				X	
A10				X	
A11					X
A12	X				
A13				X	
A14				X	
A15	X				
Total	04	04		06	01

A partir desse quadro já podemos perceber que as crianças tem noções de pertencimento diferentes umas das outras. Tomando por exemplo o aluno A1, que é morador do Itapoã e em seu desenho fez o Congresso Nacional, fica explícita a falta de vinculação que ele tem com a sua cidade, que é o Itapoã, e não Brasília. Provavelmente, assistindo os meios de comunicação, lendo cartilhas de promoção de Brasília, e em contato com livros didáticos, ele se apropriou do que é considerado símbolo marcante do Distrito Federal, acredita ser algo bom para se representar ou, ainda, compartilha desse pertencimento simbólico da capital federal..

Por outro lado, o aluno A9 desenhou algumas coisas de seu lugar- Vila Planalto - e também o Congresso. Sem ser perguntado, quando foi entregar o seu desenho, disse: “Eu passo aí todo dia, tia!”. Isso significa que ele também desenhou o Congresso. Entretanto, a relação que ele mantém com o Congresso, difere do primeiro aluno, porque é uma relação baseada em uma vivência, afinal, o Congresso faz parte do seu percurso diário, além de estar localizado na mesma cidade em que ele mora: Brasília. Estes dois exemplos nos levam a perceber que a heterogeneidade que existe nos locais de moradia, praticamente se dissolve quando o assunto em questão é a visão que eles tem sobre a sua cidade, o que nos leva a pensar que é como se os alunos vivessem todos em um mesmo lugar, sendo este, bem próximo ao Congresso Nacional.

### 3.1.2 Desenhe onde você vive

O segundo desenho foi feito dia 07 de Outubro após o recreio, e eles tiveram aproximadamente uma hora para desenhar a partir da proposta: desenhe o lugar onde você vive.

Quadro n.3 - O lugar onde as crianças vivem (Referência desenho 2)

ALUNO	Desenho da Residência	Desenho do Comércio	Desenho de Ponto Turístico	Desenho misto A*	Desenho misto B**
A1	X				
A2				X	
A3	X				

A4		X			
A5	X				
A6	X				
A7	-	-	-	-	-
A8	X				
A9					X
A10	X				
A11	X				
A12	X				
A13	X				
A14			X		
A15			X		
TOTAL	09	01	02	01	01

\*Desenho de residência e comércio. \*\*Desenho de residência e ponto turístico.

Essas informações revelam que para a maior parte das crianças, o lugar onde elas vivem está diretamente vinculado ao seu local de moradia. São 15 crianças entre as quais 09 , que desenharam somente o seu local de moradia, sem se preocupar com o que está em volta, ou faz parte do seu trajeto. Um desenhou somente o comércio e a pista que, segundo ele, passa em frente a sua casa. Outro desenhou o Congresso Nacional e justificou: “Esse lugar é perto da minha casa!”. Houve, ainda, dois alunos que optaram por desenhar dois lugares diferentes: um desenhou o comércio e o seu prédio, e outro desenhou o Congresso e o seu prédio. Esses resultados nos levam a pensar mais uma vez, em quão peculiares são estas relações entre local de moradia e o lugar onde se vive no cotidiano de um estudante..

Importante ressaltar que, de maneira geral, esse desenho - o lugar onde você vive é simples:. Mas, esse comando é complexo e imputa ao questionamento sobre o que quer dizer

o lugar onde você vive. Para os participantes desta pesquisa não foi diferente, pois surgiram diversas perguntas em relação ao comando do desenho. Alguns alunos ficaram em dúvida sobre desenhar o quarto, a sala, o prédio, a quadra; outros se questionavam e perguntavam ao pesquisador sobre desenhar partes de Brasília, ou não; houve, também, alguns casos interessantes, abaixo explicitados:.

- Professora, é pra eu desenhar onde eu nasci, ou aqui?
- É pra desenhar o lugar onde você vive.
- Então tá bom. Mas eu queria viver lá.
- Você escolhe, desenhe o que você acha que é o lugar onde você vive.
- Ta. Mas eu nasci em Goiânia.
- Fique tranquilo! Desenhe o que você acha que deve desenhar, não tem certo e errado, é o seu desenho e o lugar onde você vive. Quem manda é você (A3, 2014).

O desenho da criança A3 é curioso porque desenhou uma casa, no canto de uma paisagem e com o seu nome escrito nela. É como se fosse algo que ele projeta para si e o define como o lugar em que vive. Essa criança é moradora da Asa Norte, em uma quadra que não tem casas, somente blocos. Logo, pode –se inferir que o desenho é sobre um lugar diferente do que ele mora atualmente. Então, pode-se supor que que existem chances desse desenho retratar a sua antiga casa em Goiânia. Um outro caso interessante e que merece ser destacado refere-se ao aluno, morador de São Sebastião, que desenhou o Congresso Nacional. Durante o processo de criação do seu desenho, essa criança, por diversas vezes, pediu ajuda à professora regente, à monitora do PIBID e à pesquisadora, sobre a direção em que se encontra São Sebastião e o resultado do seu desenho foi o Congresso Nacional.

Quadro n. 4 - Retrato do desenho – ( Referência desenho 2)

ALUNO	Desenho da parte externa	Desenho da parte interna	Desenho da paisagem	Auto retrato na residência não entendi qual é a diferença do 1º
A1	X			
A2	X			
A3	X		X	
A4	X			
A5	X			
A6	X			
A7	X			X
A8	-	-	-	-



A9	X			
A10		X		X
A11	X		X	X
A12	X		X	
A13	X		X	X
A14			X	
A15	-	-	-	-
Total	11	01	05	04

As informações desse quadro demonstram a relação de pertencimento que os alunos tem com o seu local de moradia. A partir das informações coletadas nesta pesquisa, pode-se perceber que a maior parte dos alunos define o local onde eles vivem como o prédio ou a sua casa, mas de maneira distante. Algumas crianças se desenharam nesse exercício, como participantes desse lugar de vivência. Outros desenharam o que está em volta, e uma criança desenhou a parte de dentro da casa, mais especificamente, a sua cama, na qual a criança se retratou. O que fica evidente, partir dos resultados do quadro acima, é que quando foi solicitado que desenhassem o local onde vivem, a maioria dos alunos relacionou diretamente ao seu local de moradia.

### 3.1.3 Desenhe o lugar onde você estuda

Este terceiro desenho foi feito dia 21 de Outubro de 2014, após o recreio, a sala estava organizada em fileiras e então cada criança recebeu metade de uma folha e sob a orientação “Desenhe o lugar onde você estuda”, eles começaram a desenhar. Essa intervenção teve aproximadamente 40 minutos de duração. O ambiente estava com um clima descontraído, as crianças fizeram algumas perguntas, conversaram entre si durante a criação dos desenhos e também interagiram com o pesquisador, trazendo para a conversa temas relacionados ao tema do desenho.

Quadro n. 5 - O lugar onde você estuda (Referência ao desenho 3)

ALUNO	Desenho da parte externa	Desenho da parte interna	Desenho da sala de aula	Desenho de uma situação Escolar	Desenho do muro da escola

A1					X
A2	X				
A3	X				
A4	X				X
A5	-----				
A6					X
A7					X
A8	X				X
A9	X				
A10	X				
A11	X				
A12	X				
A13					
A14					
A15					
Total	08				05

### 3.2 Grupo Focal

#### 3.2.1 Grupo Focal

A primeira aplicação dessa técnica aconteceu no dia 17/10/2014 às 17h e durou aproximadamente 40min. A conversa se deu de maneira informal, com todos os alunos sentados em formato de círculo e bem tranquilos, deram risadas ao longo da conversa,

explicitaram as suas opiniões, e inclusive às vezes se atrapalhavam pela empolgação incontida de falar sobre o assunto em questão. No primeiro encontro do grupo, a turma toda participou ao mesmo tempo, a professora regente se ausentou da sala durante uma parte do encontro, mas de maneira geral, a conversa fluiu bem.

No início da conversa foi esclarecido o que é uma cidade. Nesse sentido, ao se colocar esse tema em discussão, as crianças começaram a falar sobre as coisas que tem em uma cidade: “Tia, na cidade tem posto, na cidade tem bar, tem ponte JK, tem posto de saúde, tem shopping, lojas, tem padaria, na cidade tem gente, tem casas, tem prédios, tem carro, tem bicicleta”. Então, a partir daí, os alunos citaram variados objetos e paisagens característicos da cidade. A conversa continuou ainda sobre a definição de cidade e eles começaram a falar nomes de cidades ao redor do país, e do mundo, até que no decorrer da conversa, a aluna A8 mencionou que a cidade, “uma cidade é onde fica a Região Administrativa”, e todos os outros alunos concordaram com ela, e então a conversa começou a tomar novos rumos. E o tema suscitado referiu-se à a definição de Região Administrativa, que por sinal, foi inserido na roda de conversa por eles mesmos e prosseguiu como assunto em foco. Essa definição não foi efetuada por eles, entretanto, souberam nomear quase todas as Regiões Administrativas e incluíram, nesse processo, a nomeação de alguns estados brasileiros como Piauí, Bahia e Goiás. Depois de vários apontamentos sobre as R.A’s, a sugestão de conversa inclinou se para que cada um explicitasse os sentimentos inerentes a eles, no que diz respeito à sua cidade.

Quadro n.6 - Vinculos das crianças com a cidade: como ela se reconhece (Referência ao Grupo Focal nº 1)

Alunos			CRITÉRIOS			
	Família	Amigos	Casa	Lazer	Paisagem	Não se reconhece
A1			X			
A2	-	-	-	-	-	-
A3						X
A4		X				
A5	-	-	-	-	-	-
A6		X	X		X	
A7	X	X				

A8			X	X	X	
A9		X		X	X	
A10		X		X		
A11	X	X		X		
A12						X
A13						X
A14	X		X	X		
A15	-	-	-	-	-	-
Total	03	06	04	05	03'	03

O quadro acima nos revela quais são os elementos, inseridos na perspectiva das cidades das crianças, que conferem significados e ratificam o sentimento de pertencimento dos alunos em relação as suas cidades., em conformidade com a explicitação que se segue.

O primeiro critério do quadro diz respeito à família que, enquanto fator definitivo nessa relação, foi considerado por três alunos; a segunda alternativa foi levada em conta por seis alunos, que conferem significado à cidade através dos seus amigos; o terceiro tipo de caracterização, é o reconhecimento pela casa e foi apresentado por quatro alunos; a quarta alternativa, foi apresentada por cinco alunos, e diz respeito ao significado que o lazer lhes confere; a paisagem é o quinto argumento que os alunos apresentaram e foi citada por três alunos; a última coluna da quadro, traz dados a respeito de crianças que não conseguiram se reconhecer pertencentes as suas cidades, por meio dos elementos ali definidos. Importante ressaltar, que vários alunos apresentaram mais de uma das alternativas citadas acima, durante os diálogos ocorridos no primeiro encontro do Grupo focal.

### 3.2.2 Grupo focal nº2

A segunda sessão de grupo focal aconteceu no dia 28 de Outubro de 2014, e teve aproximadamente 45 minutos de duração. O ambiente da sala foi modificado enquanto os alunos estavam no recreio, quando eles voltaram, se depararam com todas as mesas e cadeiras colocadas em círculo. A linguagem utilizada pelo pesquisador foi informal, no sentido de se aproximar, ao máximo, da linguagem utilizada cotidianamente pelos alunos. A fim de possibilitar uma melhor estrutura para o diálogo, nessa sessão o pesquisador utilizou uma bolinha de plástico, comum a piscina de bolinhas, com a função de “dar a fala” para uma

criança de cada vez. O combinado com os alunos consiste em esperar a bolinha chegar a sua mão, para que se possa falar o que quiser, sem pressa, sem limites, a partir do momento que a criança pega a bola.

A conversa começou com uma revisão feita pelo pesquisador, com a função de relembrar os temas já tratados através dos desenhos e do 1º grupo focal. Assim, o tema dessa sessão começou a ser discutido: Lugar. A primeira questão sugerida foi o que seria Lugar. Nesse sentido, os alunos vincularam lugar a espaço e o diálogo se deteve na função de caracterizar e distinguir um lugar do outro. Esse processo passou primeiramente pela fase escuta, por parte do pesquisador. Posteriormente, em uma segunda fase, se iniciou um processo de desvelamento, no qual muitas proposições foram sugeridas pelos alunos, com o propósito de conseguir compreender as ideias e, a seguir, tiveram um momento de organização dessas, feito por eles, paralelamente ao pesquisador. Então, e depois da parte referente às ideias, seu desvelamento e sua reorganização, alguns alunos começaram a ser capazes de perceber a diferença entre os lugares, entre as cidades. Importante observar que o pesquisador solicitou a reflexão sobre esses espaços, para lhes chamar atenção aos significados que lhes são própria, associada ao lugar.

Desse modo, a partir de toda a conversa, os alunos refletiram sobre espaço x lugar, e após um curto espaço de tempo, foram convidados a falar sobre espaços que se caracterizam lugares, para cada um deles, podendo explicar o porquê, ou não, por meio dos seus anseios, inquietações e/ou sentimentos envolvidos em todo o processo de construção desse conhecimento. Em determinado momento do Grupo Focal, a conversa tomou um caminho que gerou o questionamento acerca do que é espaço e do que é lugar. Essa pergunta resultou em uma ampla conversa, na qual muitos alunos se envolveram, o monitor que estava na turma participou, a professora regente participou, e claramente, o pesquisador também. A conversa tomou como base, vários exemplos, e a partir destes, os alunos concluíram que espaço e lugar são diferentes, por que o lugar é um espaço que faz sentido.

Quando os alunos fecharam essa discussão, o pesquisador os estimulou a pensar em espaços/lugares que façam sentido para eles. Após cinco minutos de silêncio (tempo determinado para a reflexão dos alunos sobre seus lugares), cada um deles pode falar sobre seus lugares para a turma:

Quadro n. 7 – Qual é o meu lugar? (Referência ao Grupo Focal nº2)

Quadro n.7 - Qual é o meu lugar? (Referência ao Grupo Focal nº 2)

ALUNO	Lugar 1	Lugar 2	Lugar 3
A1	Alexânia	Caldas Novas	Luziânia
A2	Banheiro	Cama/ cobertor	Sofá
A3	Televisão	Cama	Escola
A4	Escola	Casa	Rua
A5	-	-	-
A6	Fazendinha	Escola	Caldas Novas
A7	Paranoá	Asa Norte	Águas Lindas
A8	Escola	Asa Norte	Asa sul
A9	Sofá	Cama	Escola
A10	Casa	Escola	Ginástica Rítmica
A11	Águas Claras	Asa Norte	Plano Piloto
A12	Rua/ Vila Planalto	Escola	Casa
A13	Vila Planalto Campo	Casa	Lago Norte
A14	Casa	Sofá	Campo/Lago/ Rua
A15	Vila Olímpica	Casa	Mata

No quadro acima, estão especificados os três lugares mencionados pelos alunos, como lugares que são especiais, importantes, e que de alguma maneira, fazem sentido para eles. Cada um citou aproximadamente três lugares diferentes, e estes foram postos no quadro na ordem em que foram citados, predefinindo assim, uma ordem de preferência. A explicação dada pelas crianças, acerca dos locais mencionados, encontra-se sistematizada no próximo quadro: “Caracterização das respostas”.

Quadro n.8 - Caracterização das respostas – (Referência aos dados do Quadro n.7)

ALUNO	Local de moradia	Casa dos parentes	Local de lazer	Local de lembranças	Escola	Móveis/ Cômodos
-------	------------------	-------------------	----------------	---------------------	--------	-----------------

A1		X X		X		
A2						X X X
A3					X	X X
A4	X		X		X	
A5	-	-	-			
A6	X			X	X	
A7	X			X	X	
A8	X	X			X	
A9	X				X	X
A10	X		X		X	
A11	X	X	X			
A12	X		X		X	
A13	X	X	X			
A14	X		X			X
A15	X		X			
TOTAL	11	04	06	03	08	04

Esse quadro foi elaborado com base nos lugares que foram mencionados pelos alunos e que, a partir dessa menção, foram caracterizados e agrupados nas subdivisões: local de moradia, casa dos parentes, local de lazer, local de lembranças (diz respeito a lugares distintos e que não fazem parte da rotina das crianças, mas, marcaram a história dos mesmos), escola, móveis ou cômodos e local de esporte.

Assim, no quadro acima, podemos observar o predomínio do local de moradia como o espaço que mais faz sentido para as crianças. Dez entre quatorze crianças participantes desse encontro de grupo focal mencionaram a sua casa como lugar. O segundo Lugar lembrado foi a escola, justificado como o espaço onde brincam e estudam diariamente. Em terceiro posto o lugar de lazer, entre as preferências de seis crianças, que constituiu-se no nas respostas mais variados e surpreendentes. Na sequência, as casas dos parentes e os móveis e cômodos da casa foram escolhidos por quatro crianças, que fizeram questão de detalhar esses ambientes em seus relatos. D duas crianças relataram como seu lugar os locais de práticas desportivas, como espaços de significados.

Os resultados do primeiro desenho elaborado pelos alunos, durante a pesquisa, demonstram que a maioria relaciona a sua cidade diretamente a Brasília e não ao Distrito Federal. Quando foi solicitado que fizessem o desenho de suas cidades, as crianças imediatamente perguntaram: “Qual é a minha cidade?” Alguns respondiam: “Brasília, burro!”, e outros não encontravam a resposta. Em determinado momento, as perguntas em relação ao enunciado do desenho eram feitas diretamente à professora, que as respondia com outra pergunta, a fim de provocá-los, levá-los a refletir, antes de propriamente desenhar. Alguns alunos então, se lembraram que a cidade tem relação com a moradia, e um deles foi o primeiro a falar: “Minha cidade é a VP, sou do bonde da VP”, disse um aluno se referindo a Vila Planalto, e este foi o ponto de partida para outros alunos começarem a perceber que o lugar aonde eles moram também é uma cidade.

Na sequência, o desenho do A9 caracterizando a sua cidade. Observar os diferentes elementos espaciais apresentados no desenho suscita uma diferente percepção do mesmo.

Figura 2. A9 Desenhe a sua cidade



Figura 2 - A9 Desenhe a sua cidade



É possível encontrar nesse desenho elementos do trajeto casa-escola efetuado pela criança, bem como elementos da Vila Planalto, sua cidade, e elementos que fazem parte da sua rotina de lazer como por exemplo, o Lago Paranoá, ou o campo de futebol. Refletir sobre esse desenho, nos revela que o aluno compreende a sua cidade em um âmbito maior do que a Vila Planalto, ao acrescentar o Congresso Nacional e o Lago Paranoá no desenho que deveria ser da sua cidade. Pensar a cidade, nesse caso, resulta em um desenho dos lugares com os quais o aluno tem algum tipo de relação, infere – se que existe um equívoco na concepção de cidade, ou ainda, a ausência da concepção de Lugar, anteriormente tratada nessa pesquisa. Perceber essa dicotomia entre Lugar x Cidade ocasiona as primeiras descobertas sobre a

percepção das crianças: perceber o trajeto, perceber o que está ao redor, perceber os seus locais de lazer e convergi-los em algo.

Ao analisar os resultados da pesquisa, especificamente os quadros nº2 e nº3, que dizem respeito ao lugar onde se vive, e a sua cidade, constata-se que os alunos não conseguem diferenciar Brasília - RA I- do DF e das outras Regiões Administrativas, porque dentre os 15 alunos que fizeram este primeiro desenho, 10 desenharam o Congresso Nacional e dentro desses, 04 desenharam somente o Congresso Nacional. Por outro lado, somente 04 alunos desenharam o lugar onde moram e somente 01 aluna desenhou a sua casa. Tomando por base esses resultados, a pesquisa apresenta a primeira conclusão: os alunos acreditam que moram em Brasília, cidade que é simbolizada e divulgada através da mídia, dos livros didáticos e outros meios de comunicação, pela imagem dos seus pontos turísticos, predominando o Congresso Nacional. Outro argumento que justifica a quantidade de desenhos do Congresso, é o fato de 05 alunos serem moradores da Vila Planalto, 01 aluno ser morador de São Sebastião e diariamente passarem pelo Congresso no trajeto casa-escola-casa.

O segundo desenho aconteceu uma semana depois do primeiro, num momento onde a relação da pesquisadora com os alunos estava mais próxima, gerando, assim, um clima tranquilo e de descontração enquanto os alunos faziam o desenho. A intervenção aconteceu após o recreio, mas, a professora regente ainda estava executando uma atividade. Então a intervenção aconteceu faltando apenas uma hora para acabar o horário de aula.. No curto tempo que restou, foram entregues as folhas e dado o comando: desenhe o lugar onde você vive. No mesmo instante, os alunos, que estavam ansiosos pelo momento de desenhar, foram freados e se olhavam e discutiam entre si, sobre que lugar seria esse. Alguns diziam: “É Brasília!”, outros respondiam: “É a minha casa!”, e um aluno graciosamente, e meio desconcertado pela sua própria descoberta disse: “Uai! É a escola, eu passo o dia todo aqui, segunda feira, terça feira, quarta feira, quinta feira e sexta feira. Mas, não pode ser, vou desenhar Brasília”. No mesmo instante foi dito pela pesquisadora: “Gente! Não se preocupem, desenhem o que vocês quiserem, afinal, quem vive são vocês, não posso dizer se está certo ou errado!..”

Enquanto as crianças desenhavam, a pesquisadora caminhava pela sala e podia perceber os desenhos surgindo e algumas falas: “Tia olha o meu, tá bonito?”, “tia, é pra desenhar a nossa casa?”, “Tia, vou desenhar Brasília”. A resposta, nesse caso, limitava-se à

não interferência em seus desenhos nem tampouco a ideia de certo ou errado. O fato de falar sobre o lugar onde se vive, remete a pensar sobre todo o contexto onde isso ocorre, sobre suas relações, sobre o que se faz, sobre os lugares onde se passa, sobre a sua rotina, e sobre tudo o que faz parte do seu dia a dia. Tal amplitude levou a uma busca em dicionário, referente ao significado do verbo viver. A resposta apontou muitos significados, entre os quais são destacados alguns

**viver**

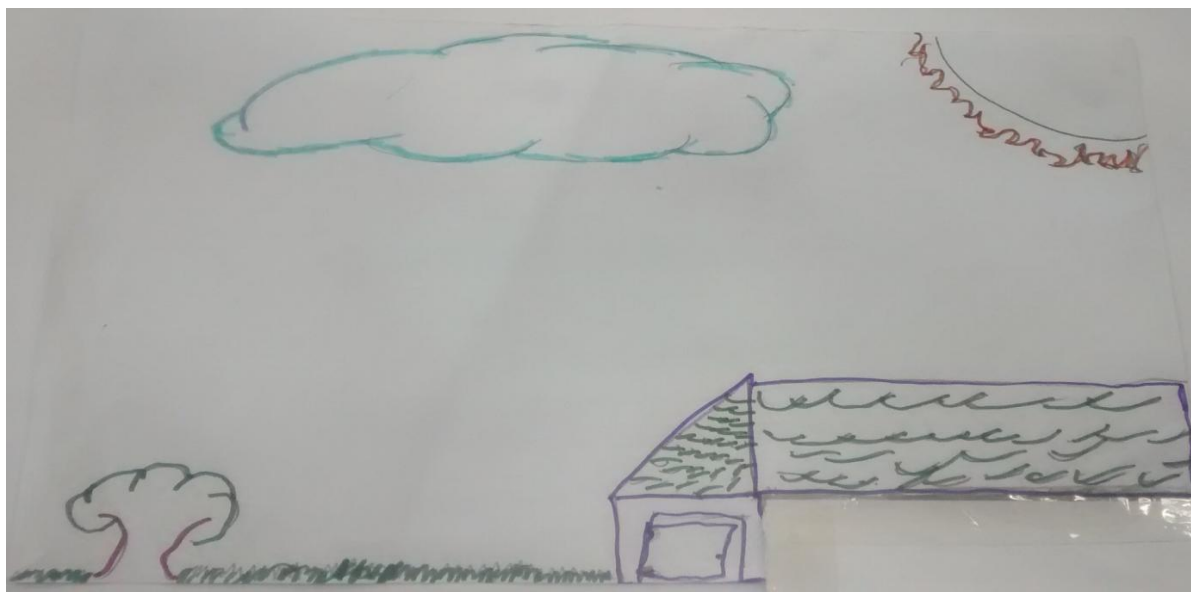
vi.ver

(*lat vivere*) **1** Existir, ter vida (o animal ou o vegetal); **2** Empregar, passar (a vida); **3** Apreciar, gozar (a vida); **4** Existir, passar a vida: "Os peixes... lá se vivem nos seus mares e rios" (Padre Antônio Vieira). **5** Ter de vida; **6** Morar, residir; **7** Nutrir-se, sustentar-se: "Há quase três dias que só vive de beberagens" (Visconde de Taunay). **8** Procurar ou tirar os meios para passar a vida; **9** Frequentar a sociedade, ter convivência; **10** Comportar-se, portar-se, proceder; **11** Manter-se com determinado assunto: "As cenas teatrais deste país viveram sempre de tradições" (Machado de Assis). **12** Conservar-se; **13** Durar, passar à posteridade, perpetuar; *sm* Vida, ação de viver; procedimento, comportamento (MICHAELIS, 2009, p.

Assim, e retomando-se os resultados da pesquisa, começamos a perceber a relação direta que muitas crianças estabelecem entre o lugar onde elas vivem, e o lugar onde elas moram. Das 14 crianças que estavam presentes na aula e participaram do 1º dia da construção dos desenhos: 9 desenharam a sua casa, 01 desenhou a sua casa e o comércio próximo (desenho misto A), 01 desenhou a casa e o Congresso (desenho misto B) e 02 desenharam somente o Congresso. Nesse desenho, vários casos específicos chamaram a atenção, entre os quais se destaca o aluno A3. Esse, que já foi citado anteriormente, despertou o interesse da pesquisadora desde o primeiro desenho, porque no momento de elaboração, perguntou "Posso desenhar Goiânia?". A resposta foi positiva e seguida dos questionamentos "Por quê? Você é de lá?". Como a criança respondeu positivamente, esperava-se que desenhasse essa cidade, mas seus desenhos revelaram o Congresso Nacional.. Por ocasião do segundo desenho, a mesma criança surpreendeu com um esse desenho sobre o lugar onde ele vive:

Figura 3. A3 Desenho o lugar onde você vive

Figura 3 - Desenhe o lugar onde você vive



\*A parte da casa está coberta, porque o aluno desenhou o seu nome.

Tal fato fez despertar maior atenção ao desenho, pois evidencia uma contradição, na medida em que essa criança mora na Asa Norte, em uma quadra que não tem casas, somente prédios. Isso evidenciou que os alunos estavam desenhando o lugar onde viviam, sem ser necessariamente o seu local de moradia! O diálogo abaixo, com essa criança de Goiânia e moradora da Asa Norte, revela isso:

A3, você se lembra daquele desenho que cada um fez sobre o lugar onde vive?

Ele respondeu: Sim!

Perguntei: E o que você desenhou?

Ele disse: Minha casa, com o mato em volta, minha casa.

Questionei: Mas, você me disse que mora em uma quadra da Asa Norte que não tem casas. Aquela sua casa fica aonde?

Ele: Não sei. É lá em Goiânia

Continuei: Ah! Então a sua casa de Goiânia era linda mesmo!

Ele: Sim! Goiânia é muito bom!

Esse diálogo levou à reflexão referente às possibilidades nossos sentimentos. Nesse sentido, essa criança viajou até Goiânia, pelo menos por alguns instantes, pelo fato de ser o lugar cheio de significados, memórias, onde ele provavelmente ainda vive de alguma forma, nem que seja mentalmente.

Em relação aos demais 11 alunos, que desenharam as suas casas e/ou prédios, representando o lugar onde vivem, algumas questões se apresentam,. Nesse sentido, é possível afirmar, a partir do segundo desenho, que o local de moradia é associado ao local de vivência,

por meio das relações estabelecidas entre esse lugar e familiares, brinquedos, cômodos, ou qualquer outra coisa que lhe tenha sido atribuído um significado. A esse respeito, é importante ressaltar a importância da consideração da perspectiva do sujeito, como elemento de mediação pedagógica, conforme propõe a Geografia Escolar Contemporânea..

O primeiro Grupo focal, com a reflexão referente ao primeiro desenho, e a discussão da temática “o que é cidade”, fez com que as crianças, inicialmente, ficassem em silêncio e, aos poucos, fossem dizendo o que achavam. A primeira resposta foi surpreendente e muito característica de alguém que mora no DF. O aluno A 14 disse: “Uma cidade é um satélite” .

Até 1998 as cidades das Regiões Administrativas eram conhecidas como cidades-satélites: , com inegável carga de preconceito decorrente do processo de segregação espacial, pela qual foram criadas, conforme atesta Paviani

Assim, ao projetar Taguatinga, em 1958, o governo local deflagrou um processo de interminável criação de cidades-satélites – todas visando proteger o Plano Piloto de ocupações ilegais, irregulares e informais (favelas), as denominadas “invasões”. Desfecho, ao mesmo tempo, o polinucleamento urbano e a periferização com segregação socioespacial. (PAVIANI, 2009 p 80)

As cidades satélites foram criadas para acomodar as pessoas que vieram participar do processo de construção da capital da república e que não tinham uma relação com o funcionalismo público, que lhes assegurava moradia em Brasília. Como a cidade foi pensada exclusivamente para o funcionalismo público federal e distrital, aqueles que não estavam vinculados a esse serviço não poderiam morar na cidade. Desse modo, os operários da construção civil, entre tantos outros que não se vinculavam ao serviço público, tinham que morar em outra localidade. É dessa lógica que são propostas as cidades satélites, que ao final, resultou em uma forma de separar as pessoas das classes menos favorecidas, os trabalhadores, da população residente em Brasília.

Assim, à ideia de cidade satélite se associa o estigma de periferia. Tal ideia é referendada pelas crianças, que não se sentem bem ao desenhar as suas cidades, suas Regiões Administrativas. Assim, elas desenham o Congresso, que se referencia como um local bonito e que simboliza todos nós. Interessante observar que há uma padronização, imposta pela mídia, do que o que é bom: as novelas, os comerciais, as séries de TV. Os desenhos, sempre apresentam uma casa bonita, com um quarto para cada morador, em uma rua bonita, asfaltada, com iluminação, segura e um carro na garagem, de onde desce uma família feliz.

Na verdade, existem famílias assim, mas esse padrão, que não é o predominante, é imposto à sociedade, às crianças, que esperam por isso, acreditam nisso e acabam por desacreditar do real, do que elas vivem diariamente, ou pior, acabam por depreciar seu real, por ser diferente do modelo que é passado como bonito, certo.

Na sequência da atividade, a conversa referente às cidades satélites e Regiões Administrativas, observou-se que as crianças prosseguiram na tentativa de definir a cidade por meio dos elementos que a caracterizam: “drogaria, loja, supermercado, posto, bar, delegacia, Regiões Administrativas”. Com a concordância de todos os alunos, percebe-se uma associação entre cidade e RA, entendidas como sinônimas. Quando o assunto chegou a esse tema – RA- um aluno disse: “são países”. A partir dessa resposta, foi construída as noções para entendimento desse termo e posteriormente, foi concluído que Brasília também é uma RA. No momento em que essa ideia foi concluída, houve silêncio, em decorrência da novidade apresentada - Brasília é uma Região Administrativa – e a associação: “se eu moro no Paranoá, ou em outra região administrativa, não moro em Brasília, e sim no Distrito Federal”.

Conscientes disso, porém ainda um pouco confusos, a conversa orientou-se sobre o tema “o que nos dá a sensação de que pertencemos ao lugar aonde moramos”. Após a conversa com o grupo, cada criança teve oportunidade de falar sobre seus sentimentos em relação a sua cidade, onde são destacados alguns, os mais emblemáticos em relação ao tema.

A1:” Minha cidade é Paranoá, e eu sou de lá por causa da minha família”

A3:” Minha cidade é Brasília e eu gosto de lá porque..... Não, eu não gosto de lá! Gosto de Goiânia porque lá da pra andar de bicicleta.”

A6: “Eu moro em Brasília, e eu gosto muito de Brasília porque é um lugar maravilhoso e cheio de árvores, eu moro no Paranoá, não, eu moro no Itapoã.”

A13:”Eu moro na Vila Planalto/ Brasília, eu adoro a minha cidade por causa que é onde os meus amigos estão, minha família, gosto muito de lá;”

Essas falas das crianças são muito diferentes entre si, e concomitantemente, repletas de semelhanças. Os alunos A3 e A13 são moradores de Brasília, Asa Norte e Vila Planalto respectivamente. Os alunos A1 e A6 moram em outras Regiões Administrativas, Paranoá e Itapoã respectivamente. Nesse contexto, destaca-se o verbo “gostar”, utilizado pelos alunos A3, A6 e A13, como o primeiro ponto em comum. Por ocasião da conversa no grupo grande, foi sugerido que as crianças pensassem sobre sua relação com a cidade onde moram, sobre o que os fazem se sentir daquela cidade. Então, as falas dessas três crianças, evidencia uma

reflexão sobre o que gostam e, também, porque eles gostam de suas . Assim, pode-se afirmar que as crianças gostam de algo em suas cidades. Contudo, o A3 utilizou o verbo gostar, para enfatizar que não gosta de Brasília, e o A6 utilizou esse verbo associado a Brasília, quando ele é morador do Itapoã. Isso atesta a a condição de invisibilidade que o seu lugar de moradia tem pra ele. O A13 menciona o verbo para retratar a sua alegria em ser morador da Vila Planalto. Essa característica do A13 é encontrada na maioria dos alunos que moram na Vila Planalto, na medida em que expressam ter alegria e prazer em morar lá, em fazer parte daquela história, e descrevem, narram a sua rotina com riqueza de detalhes e com o peito cheio de orgulho.

Na finalização do grupo focal, se conversou a respeito do DF, e foi perguntado quem o conhece. Alguns falaram que sabem tudo do DF, que já foram em muitos lugares, e começaram a citar esses lugares. Nesse contexto, o aluno A14 mencionou um lugar chamado Taboquinha<sup>2</sup>, e explicou que não é uma cidade de Brasília; é um lugar habitado e que fica dentro do Distrito Federal, que parece uma espécie de fazenda, e não é uma cidade, mas faz parte do DF. Interessante observar, aqui, que as considerações relativas ao conceito de cidade e de cidade do DF, permitiram ao aluno identificar um lugar que não se enquadra nessas categorias, o que atesta a possibilidade de mediar e construir conhecimentos a partir das considerações dos alunos.

Em relação ao desenho do lugar onde estudam, as crianças perguntaram se era para desenhar a escola ou a sala. A resposta orientou que deveria ser desenhado “o lugar onde você estuda”. Os resultados desse desenho atestaram o modo pelo qual a escola é vista pelas crianças e, na maioria dos casos, ela é vista de fora para dentro. Nesse sentido, os desenhos são, majoritariamente, da parte externa da escola, do muro, da porta de entrada (fechada). Tal representação levou ao questionamento referente a sua relação com a escola como um todo, com a educação, ou com aquele estabelecimento de ensino. O que os leva a perceber a escola dessa maneira? Tão distante, tão fechada, tão cinza! Na maioria dos desenhos só é possível enxergar a parte física da escola: nada de sentimentos, presença de alunos, brincadeiras. Somente concreto, cimento e no máximo umas duas plantinhas que ficam na porta ( não mostra-se o parque localizado na lateral da escola).

Figura 4. A2,A6,A8,A9,A10 – Desenhe o lugar onde você estuda.

<sup>2</sup> Taboquinha: Área rural localizada nas proximidades da RA XIV – São Sebastião

Figura 4 - A2,A6,A8,A9,A10 - Desenhe o lugar onde você estuda



No segundo encontro do grupo focal, que aconteceu com as mesas dispostas em roda, quando os alunos voltaram do recreio, e contou com participação de dois estagiários. A conversa foi iniciada trazendo a temática do que seria Espaço para eles. Nesse sentido, responderam que o espaço é a sala, é o pátio, é a cadeira e muitos outros ambientes. Ao perguntar o o que seria o lugar, muitos o identificaram como espaço. Ao questionar se havia diferença entre ambos, a resposta quase unânime foi não. A partir disso, retomou-se a reflexão acerca do que é o espaço, com exemplos do cotidiano. A conclusão atestou que lugar é um tipo de espaço, e que os lugares estão dentro dos espaços. Entretanto, pode-se afirmar que as crianças entenderam que o lugar tem um sentido especial a elas, conforme atesta a seguinte fala: “É simples. O campinho que a gente joga lá na Vila, é um lugar nosso, nosso lugar de jogar bola e zuar, mas, a tia olha o campinho e vê só um espaço. É isso tia?” (aluno A13).

Figura 5. A13 – Desenhe onde você vive

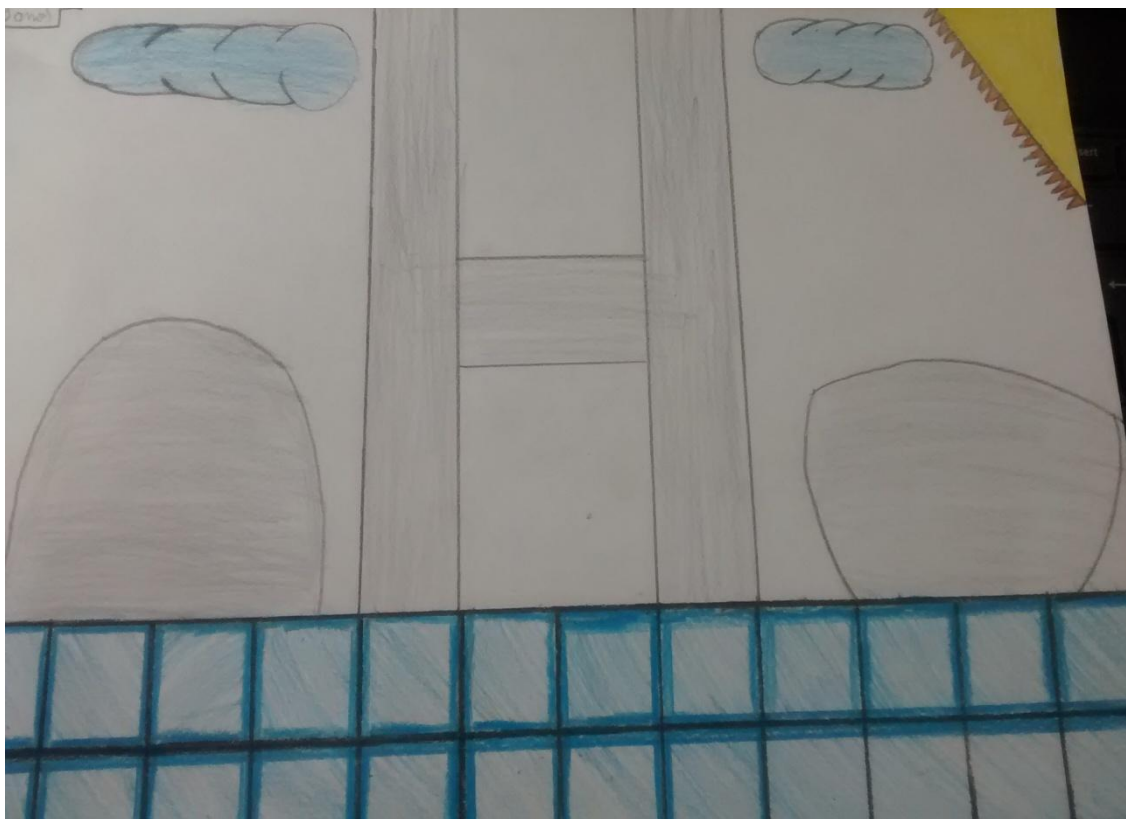


Figura 5. A13 - Desenhe onde você vive



Quando foi solicitado que falassem sobre seus próprios lugares, as crianças precisaram parar para pensar no assunto: “Tem que pensar”. Posteriormente, cada criança falou sobre seus lugares, com destaque para três de sua vivência. As respostas revelaram que os alunos, primeiramente, se concentraram em nominar as Regiões Administrativas. Somente depois começaram a perceber e a discorrer sobre lugares um pouco mais específicos, como cômodos, móveis, casa dos parentes e etc. Retomando-se os resultados expressos no quadro 8, é nítida a relação que os alunos percebem com a casa onde moram. Dez crianças, entre quatorze que participaram do grupo focal, apontaram as suas casas como seus lugares. Porém, apontaram de maneiras diferentes: seis crianças, entre essas dez utilizaram a palavra “casa” ao relatar os seus lugares; seis crianças, entre as dez, se, referiram às Regiões Administrativas onde moram. Ressalte-se que, entre esse segundo grupo de seis crianças, temos um conjunto variado: duas são moradoras da Asa Norte, duas são da Vila Planalto, uma mora na Fazendinha, localizada no Itapoã e uma mora no Paranoá. A alusão a esses seis serve para enfatizar a proporção mínima de alunos participantes da pesquisa que declara a sua cidade, como sendo seu lugar. Alguns chegam a mencionar outras cidades, mas não se percebem no seu próprio local de moradia, como é o caso do aluno A1. Em suas declarações ele menciona Luziânia, onde reside sua tia, Alexânia, onde reside um tio e Caldas Novas, por ser um lugar que ele frequenta rotineiramente. Em outros resultados o mesmo aluno, A1, declara que se reconhece na sua cidade somente pela sua casa, e desenha o muro da escola, a parte externa da sua casa, e o Congresso Nacional na representação referente à o desenho da sua cidade:

Figura 6. A1 - Desenhe a sua cidade



Fato que causa certa curiosidade, partindo do princípio de que o aluno mora no Itapoã, e pode ser justificado pelo percurso casa-escola-casa, que passa pelo Congresso Nacional. Ainda assim, e tomando tal especificidade, o aluno A1 não apresenta em nenhum momento algum tipo de vínculo com o Itapoã: fala da sua casa especificamente, mas, de uma maneira que leva a acreditar que se a casa dele estivesse localizada em qualquer outro local, não faria a menor diferença para ele. É justamente essa a questão que foi suscitada nessa pesquisa, e que de acordo com os resultados, traz a resposta de que muitas crianças não chegam a perceber o seu lugar, e sendo assim, não se apropriam do que é real, e acabam por formar uma consciência espacial pautada em coisas que fazem parte do cotidiano, mas, que deveriam ser coadjuvantes e não protagonistas da sua história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados nessa pesquisa demonstram que o processo de ensino aprendizagem das crianças, não tem sido feito de modo que seja considerado seu, o próprio lugar. No Distrito Federal, essa questão é complexa, dadas as particularidades político administrativas dessa unidade federativa e a própria dificuldade que marca a compreensão sobre o que é o DF, as RA's, as cidades, Brasília. E agravam essa dificuldade, a discrepância a concepção das crianças relativas ao lugar onde moram e lugar onde vivem, em virtude da própria centralidade de Brasília. Além disso, a discussão referente ao que é de fato “o meu lugar”, torna se ainda mais evidente às crianças que moram em cidades de outras Regiões Administrativas, mas que não conseguem se reconhecer a partir do seu local de moradia, e acabam por se assumir os símbolos de Brasília, como o Congresso Nacional, Catedral, entre outros.. Essa confusão tende a gerar dificuldades no tocante à construção da cidadania, na medida em que as crianças não reconhecem suas cidades como seus lugares e, pior, identificam Brasília, onde não moram, como tal. Nesse sentido, considera-se fundamental à construção daquela noção, a identificação das práticas sociais do indivíduo, no caso o aluno, no que se refere aos seus direitos e deveres em relação ao lugar. Se o aluno não percebe isso em sua cidade, talvez o sua responsabilidade para com seu lugar, passe despercebida. Com intenção de possibilitar às crianças um ensino que lhes dê ao menos noções de responsabilidade em relação ao mundo, devido ao sentimento que lhe é devido, sentimento de pertencimento em relação ao lugar, formando assim cidadãos críticos, ativos, e empoderados.

Perceber o seu lugar diz respeito a se perceber como parte indispensável do mundo, diz respeito a conseguir se conhecer, conhecer o outro e conhecer e compreender o mundo. Para que a importância desse estudo do lugar seja percebida, é preciso voltar o olhar com profundidade para o que é de fato função da Educação. Educação pensada como uma construção coletiva e que a esse respeito, deve ser pensada como uma via de duas mãos, onde prevalece a troca, a flexibilidade para se permitir ter empatia com o outro, e descobertas de si e do outro. Ao tomar a Geografia Escolar como fundamental para a construção da identidade, e da cidadania, essa pesquisa objetivou traçar linhas que conduzam ao pleno conhecimento acerca do lugar, anteposto sentimentos de auto conhecimento, que possibilitam a construção da identidade, e a estruturação do real pertencimento a sociedade na qual se está inserido, a partir da sua localização como indivíduo vista por diversas arestas, que não se limitam ao traço espacial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHELA, Rosely Sampaio; GRATÃO, Lucia Helena B; TROSTDORF, Maria A. S. **O Lugar dos mapas mentais na representação do Lugar.** In Geografia Londrina.v.13.Nº1 Jan./Jun.2004.Disponível em< <http://www.geo.uel.br/revista> > Acesso em: 09/09/2014

BASTOS, Jenner Barreto. Causalidade, (in) determinismo e (im) previsibilidade. Por que o conceito de causa é tão importante?In:**Revista Brasileira de Ensino de Física** volume 30 n.3,3304 (2008). Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbef/2008nahead/3304.pdf>> Acesso em: 26/06/2015.

BERUTTI, Flávio & MARQUES, Adhemar. **Ensinar e Aprender História.** Belo Horizonte: RHJ, 2009

**BRASIL.** Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. PCN- Geografia e História. 1997 **Dis** em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro052.pdf> - P.76> Acesso em: 11/05/2015

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo:A Geografia nos anos iniciais do Fundamental.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 30/09/2014

CALLAI, Helena Copetti. **Estudar o lugar para compreender o mundo.** In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). *Ensino de Geografia: Práticas e Textualizações no Cotidiano.* Porto Alegre/RS: Ed. Mediação, 2000, p.83-134.

CALLAI, Helena Copetti. O estudo do Lugar e a pesquisa como princípio da aprendizagem. In: **Espaços da escola**, 2013 Disponível em:<<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal9/Ensenanzadelageografia/Investigacionydesarrolloeducativo/03.pdf> > Acesso em: 30/09/2014

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **Educação geográfica: a Psicogenética e o conhecimento escolar.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 10/09/2014

FONSECA, Thaís Nivia de Lima. **História & Ensino de História.** Belo Horizonte: Autnêntica, 2006.

FONSECA, Selva. G. **O estudo da História local e a construção das identidades.** In: Didática e Prática de Ensino de História. Campinas/SP: Papyrus Ed. 2003

Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. In: **Physis: Revista de Saúde Coletiva** vol.19 no.3 Rio de Janeiro 2009

Disponível em :<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312009000300013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013)> Acesso em: 09 Setembro, 2014

HOLZER, Werther. **O conceito de lugar na Geografia Cultural – Humanista: Uma contribuição para a Geografia Contemporânea**. In: *GEOgraphia* -Ano V - No 10 – 2003. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/130> > Acesso em: 30/09/2014

LASSANCE, Adalberto. **Brasília e Distrito Federal: Imperativos Constitucionais**. Brasília: Verano Editora, IHGDF, 2002.

LEITE, Cristina Maria Costa. **O Lugar e a Construção da Identidade: os significados construídos por professores de Geografia do Ensino Fundamental**. Brasília: Tese de Doutorado, Universidade de Brasília. p.3/4 2012. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11250/1/2012\\_CristinaMariaCostaLeite.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11250/1/2012_CristinaMariaCostaLeite.pdf)> Acesso em: 09/09/2014

LEITE, Cristina Maria Costa; BARBATO Silvine. **Reflexões sobre a construção do conceito de lugar na escola contemporânea**. In: Revista Espaço & Geografia, Vol.14, No 2 (2011), 225:255. Disponível em: <<http://www.lsie.unb.br/espacoegografia/index.php/espacoegografia/article/view/143> > Acesso em: 26/09/2014

MARKOVA, Ivana. **Le focus groups**. Em S. Moscovici & F. Buschini (Orgs.), Les méthodes des sciences (pp.221-242). Paris: Presses Universitaires de France.

PAVIANI, Aldo. Brasília no contexto local e regional: urbanização e crise. In: **Revista Território** - Rio de Janeiro - Ano VII - no 11, 12 e 13 - set./out., 2003. Disponível em:<[http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/11\\_12\\_13\\_5\\_brasilia.pdf](http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/11_12_13_5_brasilia.pdf)> Acesso em: 12/11/2014

PONTUSCHKA, Nidia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **“Representações Gráficas na Geografia”**. In: Para ensinar e aprender Geografia. São Paulo: Cortez, 2007

QUINIOU, Yvon. **Das classes à ideologia: determinismo, materialismo e emancipação na obra de Pierre Bourdieu\*** - Publicado em Actuel Marx, n. 20. Paris, 1996 Disponível em: <[http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/02quinio.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/02quinio.pdf)> Acesso em: 20/06/2015

PORTUGAL, João Clineu Serra. **A importância do desenho na construção da aprendizagem infantil**. Disponível em: <<http://www.redentor.inf.br/arquivos/pos/publicacoes/04122012Joao%20Clineu%20Serra%20-%20TCC.pdf> > Acesso em: 24/06/2015

RABELO, Elaine; Passos, José Silveira. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**  
Disponível

em:<<http://www.germe.net.br/uniesp/textos/seminarios/Vigotski/Desenvolvimento-humano.pdf>> Acesso em 08/10/2014 Setembro, 2014

ROMERO, Marta Adriana Bustos. **As características do Lugar e o planejamento de Brasília. In: Revista Espaço & Geografia**, Vol.6, No 2 (2003), 31:58  
Disponível em:

<<http://lsie.unb.br/espacoegeografia/index.php/espacoegeografia/article/view/27>> Acesso em: 07/10/2014

VASCONCELLOS, Tânia de. **A criança do lugar e o lugar da criança**,. ANPED,2014.  
Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT07-2482--Int.pdf> >  
Acesso em: 26/09/2014

VOGEL, Arno; VOGEL, Vera Lúcia de O. , LEITÃO, Gerônimo Emílio de A. **Como as crianças vêm a cidade**. Rio de Janeiro: Pallas: Flaeso: UNICEF, 1995.